

**Universidade de São Paulo
Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes
Curso de Especialização “Arte na Educação: Teoria e Prática”**

**AULA COMO OBRA, ESCOLA COMO ATELIÊ:
O ARTISTA PROFESSOR E A MEDIAÇÃO DOS PROCESSOS
POÉTICOS DO ESTUDANTE ENQUANTO AGENTE INTERVENTOR**

GIANOU VIANA DE QUEIROZ

**São Paulo
2022**

GIANOU VIANA DE QUEIROZ

**AULA COMO OBRA, ESCOLA COMO ATELIÊ:
O ARTISTA PROFESSOR E A MEDIAÇÃO DOS PROCESSOS
POÉTICOS DO ESTUDANTE ENQUANTO AGENTE INTERVENTOR**

Monografia apresentada à Escola de
Comunicações e Artes da Universidade
de São Paulo para obtenção do título
de especialista em Arte na Educação.

Orientadora: Dra. Caru Duprat.

**São Paulo
2022**

GIANOU VIANA DE QUEIROZ

**AULA COMO OBRA, ESCOLA COMO ATELIÊ: O ARTISTA PROFESSOR E A
MEDIÇÃO DOS PROCESSOS POÉTICOS DO ESTUDANTE ENQUANTO
AGENTE INTERVENTOR**

Monografia apresentada à Escola de
Comunicações e Artes da Universidade
de São Paulo para obtenção do título
de especialista em Arte na Educação.

São Paulo, 25 de Junho de 2022.

Banca Examinadora:

Prof^a. Orientadora: Dra. Caru Duprat.

Prof^a. Dra. Sumaya Mattar.

Prof^a. Dra. Andrea Alexandra Amaral Silva e Biella.

Em nosso consciente destaca-se o papel desempenhado pela memória. Ao homem torna-se possível interligar o ontem ao amanhã. [...] pode atravessar o presente, pode compreender o instante atual como extensão mais recente de um passado, que ao tocar no futuro novamente recua e já se torna passado.

(Fayga Ostrower)

Aos meus professores e alunos, aos nossos
muitos encontros transformadores.

RESUMO

Considerando a atuação do artista professor e a mediação dos processos poéticos do estudante enquanto agente interventor no e a partir dos territórios escolares apoiado no conceito de campo expandido nas linguagens artísticas, investiga-se através da análise das produções dos estudantes, a atuação mediadora entre as práticas curriculares do ensino de arte, os modos de produção dos artistas, a construção dos territórios físicos e sociais da escola antes e durante a pandemia como suporte e material de experimentação e a contribuição do ensino de arte para a formação de estudantes sensíveis e críticos.

Palavras-chaves: 1. Arte-educação; 2. Arte contemporânea; 3. Escola; 4. Arte-educador; 5. Artes visuais.

ABSTRACT

Considering the performance of the teacher artist and the mediation of the student's poetic processes as an intervening agent in and from the school territories supported by the concept of expanded field in artistic languages, it is investigated through the analysis of the students' productions, the mediating performance between the curricular practices of art teaching, the modes of production of artists, the construction of the physical and social territories of the school before and during the pandemic as support and material for experimentation and the contribution of art teaching to the formation of sensitive and critical students.

Keywords: 1. Art education; 2. Contemporary art; 3. School; 4. Art educator; 5. visual arts.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O ARTISTA PROFESSOR	9
3. PROCESSOS DE MEDIAÇÃO	17
4. O ALUNO COMO AGENTE INTERVENTOR	26
5. EDUCAR, LIBERTAR E ESPERANÇAR	40
REFERÊNCIAS	44
ANEXO I - Tabuleiro do jogo World Evolution	45
ANEXO II - Roteiro da peça Verdades sobre a mesa	51
ANEXO III - Organização para o podcast Arena conta Zumbi	60
ANEXO IV - Roteiro adaptado para o podcast Arena conta Zumbi	62

1. INTRODUÇÃO

Em uma análise preliminar dos documentos com registros dos processos e resultados após sete anos atuando no ensino de Arte para turmas do ensino fundamental II e ensino médio na escola SESI de Carapicuíba, e ao constatar que certas sequências didáticas, em especial aquelas relacionadas a arte contemporânea e ao conceito de campo expandido nas artes visuais com possibilidade de interferências e experimentações nos diferentes espaços da escola, tiveram resultados exitosos ao propiciar aos estudantes possibilidades de criações estéticas extremamente sensíveis, autônomas e críticas, surgiu o desejo pela investigação dos caminhos percorridos e dos resultados advindos desses meus primeiros anos como docente. A análise das formas de atuação do artista professor enquanto mediador entre as práticas curriculares do ensino de arte, os modos de produção dos artistas e a construção dos territórios físicos e sociais da escola como suporte e material de experimentação na construção da tecitura dos processos de criação poética do estudante.

Ao analisar as produções artísticas de alunos do ensino fundamental II e ensino médio realizados ao longo de sete anos com o intuito de compreender a relação entre o artista professor, as práticas curriculares no ensino de arte e o estudante enquanto agente ressignificador do mundo partindo dos territórios escolares, busquei identificar a relação entre o conceito de campo expandido nas linguagens artísticas e o processo emancipatório do estudante ao perceber o espaço da escola como elemento de construção da intencionalidade e criação de sentido pela materialidade física e conceitual da obra.

Este trabalho apresenta descrições e análises das sequências didáticas e dos registros das produções dos estudantes entre os anos de 2016 e 2022. A partir delas, busco explicar os resultados em consonância com as respostas obtidas com a pergunta que norteia esta pesquisa me apoiando em procedimentos bibliográficos, estudo de caso e na pesquisa de campo com participação ativa. Optei no estudo de caso, realizar entrevistas com as turmas do 3º ano A e B do Ensino Médio no primeiro semestre de 2022, por se tratar do fechamento de um ciclo de 7 anos com o grupo, processo iniciado no 6º ano do Ensino Fundamental II em 2016.

2. O ARTISTA PROFESSOR

Acho que a literatura, tal como as artes plásticas e a música, é uma das grandes consolações da vida, e um dos modos de elevação do ser humano sobre a precariedade da sua condição.

Carlos Drummond de Andrade

Ao ler texto acima, pela primeira vez no ano de 2000, no prefácio de uma antologia de Drummond, e, embora tivesse um entendimento precário de música, conquistado com muito esforço ao longo de alguns anos fazendo aula de trompete; a afirmação do poeta, provavelmente por naquele período estar canalizando minhas energias criativas nos meus primeiros esboços através da poesia e do desenho, reverberou no meu modo de pensar. Escolhi ou fui escolhido pela literatura e pelas artes visuais como linguagens de embate diante dessa precariedade da condição humana.

confronto (texto do autor, 2019)

no sertão
por ser tão terra
o ser então luta
na breve travessia
antes que a vida
em vida o enterre
o indivíduo busca
ter por instantes
algo mais que labuta

Cheguei em São Paulo em 1998 aos 12 anos, e dois anos depois, ao me aventurar sozinho pelo centro da cidade em um domingo, pegando o Metrô na Praça da República me deparei com um enorme ateliê a céu aberto, artistas desenhando, pintando e vendendo suas obras. Sentindo o cheiro de tintas, os sons dos pincéis e lápis tocando a superfície de telas e papéis, pensei: também quero fazer isso. Comprei minha primeira tela medindo 40 x 40 cm, três pincéis e quatro tubos de tinta acrílica. Voltei pra casa ansioso pela possibilidade de experimentação. Pinte um pôr

do sol com nuvens avermelhadas e um sol amarelo no centro da tela. Dois anos depois, no ensino médio em uma escola na cidade de Itapevi, a diretora me convidou para dar aula de desenho e pintura para alunos menores aos sábados como voluntário no projeto *Escola da Família*. Mesmo sem noções de metodologias, lá estava eu todos os sábados pensando: também quero fazer isso. Em 2005, dois anos antes de iniciar a faculdade, conheci dois artistas queridos, Evandro Angerami e Maurício Parra, que me acolheram em seus ateliês, e com muita generosidade, me ofereceram o que possuo de mais precioso sobre pintura.

morte-cor (texto do autor, 2005)

*Para as marinhas sobre folha de ouro
de Evandro Angerami*

olho o céu azul
azul intenso e rítmico
azul – claro – esverdeado
hora frio, hora quente
ou infinitamente estrelado.
olho o mar azul
como os azuis do céu
de ultramar a ftalo mareado
e suas ondas silenciosas
chocando-se estáticas
em rochedos dourados
e de forma quase imperceptível
vemos a cor que vai morrendo
para que tudo se encha de vida
já o céu não é céu
o mar não é mar
e suas ilhas suspensas
e a areia quente
revelam-se em pura forma
nas formas deixadas
no movimento do pincel.

O meu avô Artur, que fugiu da violência e dos tempos de seca em uma cidadezinha do Pernambuco, trouxe consigo o falar ritmado dos cordéis, e contou as primeiras histórias que tenho lembrança. Dizia que lá pras bandas de Serra Talhada, quando menino conheceu a fama de um certo Lampião, Maria Bonita e seu bando, heróis e bandidos do sertão. Atento ao enredo, enquanto um misto de fascínio e medo povoavam a minha imaginação, e, ainda que enxergasse um ponto de convergência entre mim e aqueles cangaceiros, enquanto eu pastoreava meia dúzia de cabras magras na caatinga seca, brincava com gravetos e modelava argila retirada das beiras de tanques escavados na terra, a idade e as estreitas fronteiras geográficas do lugar me impediram de compreender as complexidades geopolíticas do cangaço.

Como numa tapeçaria, como numa renda, num quadro ou numa fuga, onde o motivo puxa, separa, une, enlaça e cruza fios, traços ou sons, configura um desenho ou tema à cuja volta se distribuem os outros fios, traços ou sons e orienta o trabalho do artesão e do artista, assim também o motivo central de uma filosofia é constelação de palavras e ideias, uma configuração de sentido. O motivo é o que vai surgir e, ao mesmo tempo, o que guia esse surgimento. Donde seu segundo sentido: o motivo como origem. Não como uma "causa" passada, mas como inquietação que motiva a obra sustentando seu fazer-se no presente (CHAUÍ, 1999, p. 194).

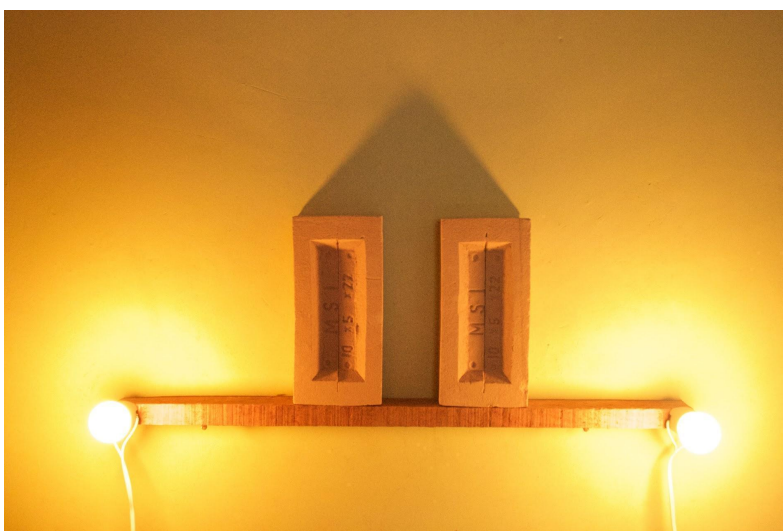
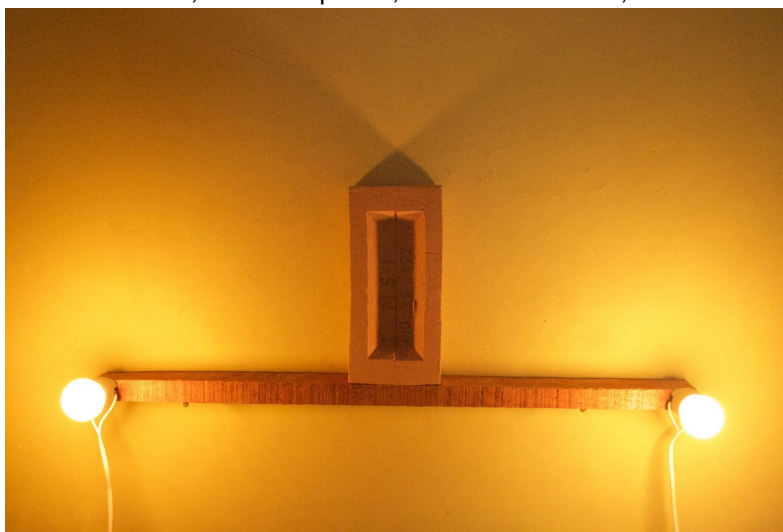
A memória surgiu como motivo. O meu percurso poético, principalmente nas artes visuais, tem se apoiado nas lembranças de menino, nas memórias reais e reinventadas do nordeste, memórias de paisagens secas e de casas velhas, feitas de adobe queimado assentados com barro.

Fig. 1. Gianou Viana, Instalação A velha casa, tijolo e argila, medidas variáveis, 2014.



Fonte: Acervo do autor.

Fig. 2. Gianou Viana, Instalação 3 Hipóteses para um teorema sobre a memória de uma casa, madeira, fios e lâmpadas, medidas variáveis, 2014.



Fonte: Acervo do autor.

Na percepção do tempo não linear, diante de uma foto de infância no sertão, uma paisagem seca, uma casa velha e uma árvore de flamboyant, se deu o processo de descoberta na arte. A concepção de um passado tão presente quanto o próprio presente, ou a sucessão de fatos que estão constantemente se resignificando, me fizeram acreditar que tanto a minha vivência como artista e artista professor, quanto a minha pintura, gravura ou poesia, têm como ponto de convergência os devaneios da memória.

procissão para fazer chover (texto do autor, 2004)

mais uma tarde
de muito penar
com rezas de grande alarde
diante do santo cruceiro
sob o sol que faz ofegar
uma calejada pele arde
a vã fé pode salvar?
antes que o sangue se escale
o sol põe a se retirar
vem o repouso da noite recompensar
e a chuva – ainda que tarde
diz o sertanejo – ela virá!

Fig. 3. Gianou Viana, Arquétipos, gravura em metal, água forte e água tinta 32,5 x 62 cm - 2011.



Fonte: Acervo do autor.

Fig. 4. Gianou Viana, Corações árvores, Instalação com xilogravura impressa com matriz única espelhadas e sobrepostas sobre papel japonês, 100 x 100 x 150 cm, 2011.



Fonte: Acervo do autor.

Fig. 5. Gianou Viana, sem título, óleo sobre tela, 110 x 70 cm, 2017.



Fonte: Acervo do autor .

Fig. 6. Gianou Viana, sem título, óleo sobre placa de compensado, 20 x 15 cm, 2017.



Fonte: Acervo do autor

Fig. 7. Gianou Viana, sem título, PE, gravura em metal, maneira negra, 2022.



Fonte: Acervo do autor.

Fig. 8. Gianou Viana, sem título, PE, gravura em metal, maneira negra, 2022.



Fonte: Acervo do autor.

Amor poesia e cor, (texto do autor, 2007)

o que dá vida à vida?
 amor, poesia e cor
 ávida pupila sensorial
 reflete a luz que se dobra
 na rota da atração gravitacional
 transforma-se em sinuosa forma
 convergindo na côncava retina
 cor e forma faz nascer
 sendo pura forma
 forma a mais pura cor
 no sensitivo nervo óptico
 a anamorfose do amor
 onde a forma concreta
 desfaz-se em névoa
 em vida, amor, poesia e cor
 quando as palavras se calam
 olhos e ouvidos se fecham
 no silêncio da memória
 o imaginário toque encontra-se
 com a impalpável forma que ficou

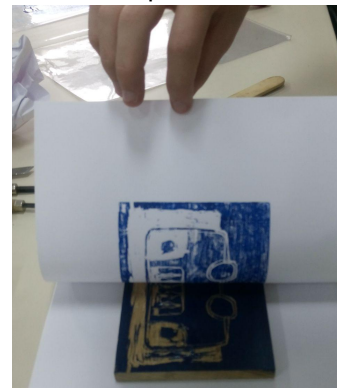
Depois da descoberta da pintura, ao experimentar pela primeira vez técnicas de xilogravura e gravura em metal na faculdade com o Moa, tal foi o encantamento

que mais tarde dei sequência às minhas pesquisas na Oficina Oswald de Andrade sob orientação de outros gravadores. Foi também na faculdade que ouvi pela primeira vez através do professor Leo Rea Lé que uma aula poderia ser construída como uma obra de arte, essa frase, junto com as concepções formadas durante as aulas de Filosofia da Arte com o Naum Simão, tem permeado a minha prática docente e compõe a ideia central desse trabalho.

Ir para a escola era uma coisa assustadora. Sentia que todo o universo que vinha da escola era muito mitificado, inatingível, só para eleitos. Nunca entendi muito bem, mas era isso que eu sentia. [...] confesso que senti muito medo. Nem sabia se seria capaz de desencadear um processo pessoal em alguém. (ALBANO, 1998, p. 80)

Diante das incertezas do novo, ter a referência de outros artistas e artistas professores, a minha relação com a poesia cuja intimidade foi estreitada graças às aulas do professor Gerson no ensino médio, as artes visuais através da proximidade com a gravura e a pintura me apontaram possíveis caminhos, e foram determinantes na construção das primeiras sequências didáticas.

Fig. 9. Oficina de xilogravura e monotipia realizada com estudantes do SESI de Carapicuíba em 2017



Fonte: Acervo do autor

3. PROCESSOS DE MEDIAÇÃO

Assim Tarsila ensinou Tuneu. E assim também, Tuneu ensinou seus alunos: Criando em torno de si um centro de calma, onde o desejo de cada um encontrasse, ao longo de idas e vindas, a sua própria expressão.

Ana Angélica Albano

Ainda nesse exercício de resgate das memórias que apontam o norte da minha prática docente, e que foram determinantes para as minhas primeiras escolhas de propostas de experimentação artística em sala de aula, é importante citar os filmes *Camille Claudel - 1988* e *Modigliani, Paixão pela vida - 2004* assistidos em um determinado semestre ao longo das aulas de escultura com a Marina Inoe. As discussões que o primeiro filme traz sobre a relação desenho e escultura, o pensar nos côncavos e convexos ao modelar a argila ou as cenas apresentando a construção da máscara mortuária de Modigliani realizado logo após sua morte, nortearam as atividades que permitiram aos estudantes a possibilidade de experimentar criações através da relação do corpo e a materialidade do gesso.

Fig. 10. Esculturas feitas de moldes com atadura gessada no rosto. Estudantes do 6º ano, 2017.



Fonte: Acervo do autor.

No ano seguinte, com uma nova turma de 6º ano, desejei revisitar a sequência didática, porém desta vez, considerei interessante convidar os estudantes a pensarem nas possibilidades de integração do objeto escultórico com os espaços da escola. Além de modelar partes do corpo, mãos, pés e rostos, a turma deveria escolher um determinado espaço que dialogasse com a obra, não apenas como espaço expositivo, mas que gerasse um novo significado.

Após finalizarmos as esculturas, passeamos pela escola. No mês anterior, um pé de jaboticaba que ficava em um vaso no pátio coberto, tinha sido replantado no jardim, foi inevitável a escolha desse lugar para abrigar e se transformar em material significador (Fig. 11).

Fig. 11. Instalação realizada com esculturas feitas a partir de moldes com atadura gessada dos pés e mãos. Estudantes do 6º ano, 2018.



Fonte: Acervo do autor.

Até então, discussões excessivamente teóricas inerentes à arte contemporânea ficaram de fora do plano docente, considerando a faixa etária dos estudantes, e a observação de “que o conhecimento de arte se organiza na

inter-relação da história, da leitura da obra de arte e do fazer artístico”, (BARBOSA, 2010, p. 88) mediei a contextualização através da apreciação de produções artísticas, a experimentação de materiais e da exploração dos espaços da escola.

Em 2017, ao dar continuidade a uma das propostas presentes no material didático, os estudantes do 7º ano foram convidados a criarem projetos de instalações discutindo o tema da unidade: Natureza, arte e vida. Propus uma sequência didática considerando os diferentes momentos de pesquisa, formação de diferentes agrupamentos, elaboração do conceito, esboços dos projetos, seleção de materiais e construção da obra.

Durante o processo criativo, uma dupla ao conceber o projeto, se deparou com a impossibilidade física e técnica de concretizar a obra. Como solução, um deles apresentou as especificações da instalação para o seu pai, que se encarregou de cortar, parafusar, colar e transportar. Dias depois, a obra estava instalada no jardim próximo a portaria. A obra foi capaz de afetar e causar fascinação em toda a comunidade escolar durante todo período em que ficou exposta (Fig. 12).

Fig. 12. Daniel Santos e Paulo Pontes, sem título, instalação artística, espelho, compensado, pvc e tinta. Estudantes do 7º ano 2017.



Fonte: Acervo do autor.

Questões como as levantadas por Rauschenberg ao denunciar tanto a sua inútil posição de artista como a não atualidade e impossibilidade da arte, pela inquietude da condição de estar numa sociedade para a qual a arte perdera o significado, a frequente busca por referências nas obras do passado, uma melancólica nostalgia diante da extinta profissão de artista, a transgressão a definição tradicional da bidimensionalidade da pintura, combinando planos com objetos reais tais como: cadeiras, pneus de carro, animais empalhados, fotografias recortadas de jornais, reproduções de obras de arte e muitos outros (Fig. 13). E a

redefinição do caráter de objeto de arte e do artista enquanto artífice subvertidos por Duchamp e os *ready-made* enquanto manifestação da intenção do artista em criar sentido, alterando o significado e função prática do objeto, surgiram espontaneamente nas discussões subsequentes à instalação apresentada pelos alunos Daniel e Paulo. Não houve dúvida quanto à qualidade do trabalho, no entanto, ao questionar sobre o autor do trabalho, diante da impessoalidade da execução, os colegas de sala se sentiram injustiçados com a possível trapaça, pois divergiam sobre a quem atribuir os créditos do trabalho, os artistas seriam os colegas de sala ou o pai? Os estudantes foram capazes de levantar questões de autoria relevantes e recorrentes na arte contemporânea.

Fig. 13. Robert Rauschenberg, monograma, 1955-59.



Fonte: <https://www.rauschenbergfoundation.org/art/artwork/monogram>. Acesso em: 20 mar. 2022.

O que o senso comum entende por arte é a maior dificuldade que se enfrenta para a compreensão da arte contemporânea. Uma obra de arte, para a maioria das pessoas, é uma pintura, um desenho ou uma escultura, autêntica e única, realizada por um artista singular e genial. Essas são as premissas que vem sendo, desde o Renascimento, sedimentadas no imaginário social. Transformar esse tipo de competência artística e substituí-la por outra é sem dúvida um processo longo e difícil. (FREIRE, 2006, p. 7)

A antiarte proposta por Duchamp há mais de um século, apontou para os artistas que não desejavam estar inseridos na lógica do consumo, os meios de burlar

o sistema por certo tempo. As questões a respeito da situação do objeto artístico e o respectivo papel do artista, a criação sem a suposição da ação manual do artista, ao selecionar um objeto produzido em massa e elevar à categoria de arte por escolha do artista (Fig. 14), surgiu naturalmente em um grupo de 32 alunos de 12 anos. “A arte conceitual problematiza justamente essa concepção de arte, seus processos de legitimação, e opera não com objetos ou formas, mas com ideias e conceitos.” (FREIRE, 2006, p. 8). Deixando claro de imediato pelo menos dois pontos: o primeiro, que a sequência didática, por mais elaborada que seja, terá no máximo o caráter de esboço, que o espetáculo da aula, ao considerar todos como protagonistas atuando em conjunto, cria um organismo vivo capaz de extrapolar o script. Segundo, os estudantes não devem ser subestimados, pois mesmo ao tratar das questões mais complexas da arte contemporânea superficialmente, foram capazes de suscitar reflexões mais profundas.

Fig. 14. Marcel Duchamp, Fonte, 1917, réplica, 1964.



Fonte: <https://www.tate.org.uk/visit/tate-modern/display/materials-and-objects/marcel-duchamp>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Ao compreender a necessidade de abordar conteúdos referentes às correntes contemporâneas que buscam a transcendência do material, pela insuficiência dos suportes tradicionais diante de uma nova condição da arte, pela

discussão da arte como ideia, e a ideia como elemento de construção da obra, a redefinição dos parâmetros da arte, discutindo a ideia sem a necessidade do objeto físico. O fato do objeto da arte ter se tornado a própria discussão da arte, e que discutir esse fato se mostrou necessário, a proposta pedagógica deveria criar situações problemas capazes de abarcar tais questões.

Na arte conceitual, escreveu LeWitt, “a ideia ou conceito é o aspecto mais importante. Quando um artista utiliza uma forma conceitual de arte, isto significa que todo o planejamento e as decisões são feitas de antemão, e a execução é uma questão de procedimento rotineiro. A ideia se torna uma máquina que faz a arte.” (ARCHER, 2001, p. 70)

Como discorre Argan, a partir de 1915 ocorreu nos Estados Unidos o movimento dadaísta que se revolta radicalmente contra o mito da arte como expressão de profunda espiritualidade, transformação evidenciada na dessacralização do objeto artístico liderada por Duchamp. Enfatiza-se ainda mais o difícil relacionamento entre arte e sociedade em função da Primeira Guerra Mundial e que se agrava após a Segunda Guerra Mundial, apontando em um futuro próximo a fatídica e inevitável morte da arte, cogitando-se a ideia de que este pode ser um fato já consumado.

Na origem, há uma revolta moral: numa sociedade que aceita o genocídio, o campo de extermínio, a bomba atômica, não é possível que simultaneamente, produzam-se atos criativos. A guerra é o aspecto culminante da destruição e organizada do fazer-para-destruir de uma sociedade que se autodefine de “consumo”. (ARGAN, 1992. p. 508).

Herbert Read afirma que “a pintura moderna termina com um quadro sombrio dos valores perdidos e da autocomplacência” (READ, 2000, p. 286). Muitos dos jovens artistas que emergiram em 1960 tiveram como principal foco a discussão da linguagem e do conteúdo da pintura. Ao mesmo tempo alguns artistas sentem a necessidade de abandonar o puro ato pictórico, e explorar a diversidade de outros meios de criação: *performances*, cinema, vídeo e infindáveis possibilidades.

Simultaneamente ocorrem significativas mudanças na concepção que a humanidade tinha perante as imagens, possibilitando que artistas repensem a arte a partir dessas novas ferramentas. Essas alterações perceptivas tornam-se altamente visíveis através da fascinação pela tecnologia presente desde a arte cinética até o uso do vídeo.

Neste cenário, mesmo com o anúncio da sua morte, a pintura prosseguia. Com o diferencial que assim como na escultura, se encontrava menos dominante dentro das linguagens artísticas. Onde se tornaram evidentes três principais tendências remanescentes:

Primeiro, a preocupação com o verdadeiro material da arte em si: a pintura pela pintura. Caracterizando uma significativa parte da produção norte-americana dos últimos anos. Após pollock, alguns pintores apresentaram interesse pelos estudos de escalas e valores cromáticos.

Segundo, uma corrente que procurava a manipulação do figurativismo. Dando a partir dessa expressão o preenchimento do vazio que separava a vida da arte, sendo recorrente a apropriação e incorporação de material de origem gráfica e fotográfica na pintura.

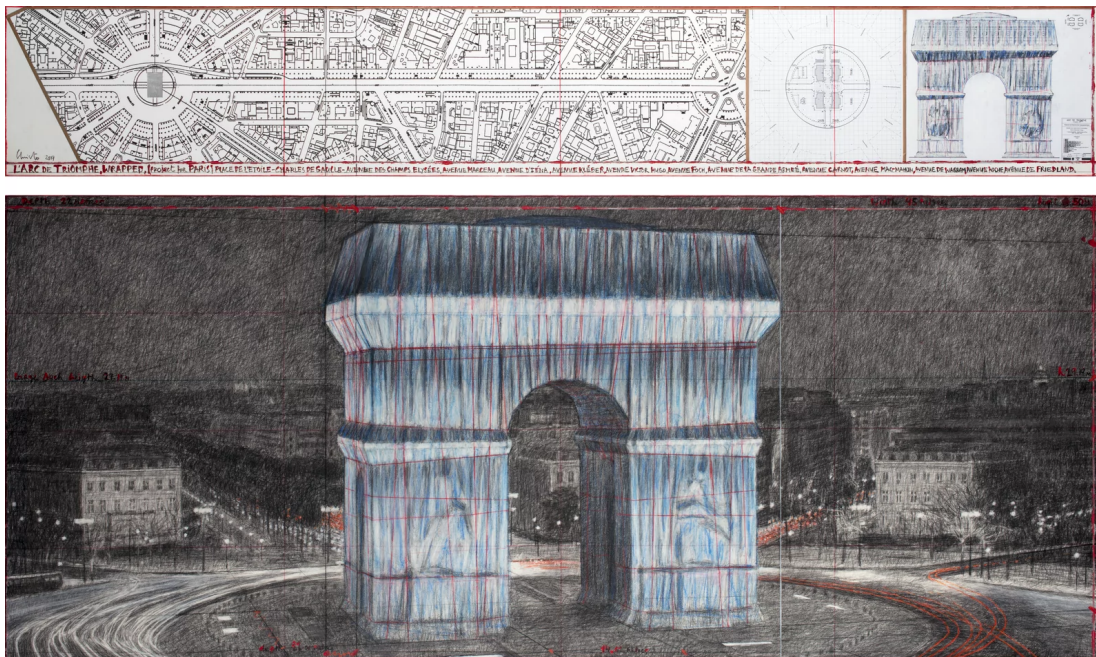
Terceiro, é a corrente que busca a transcendência do material, transformando o objeto da arte na própria discussão da arte. Na busca pela ampliação do campo da arte, os suportes tradicionais se tornam insuficientes. Não basta apenas representar a realidade com as linguagens já conhecidas, é necessário discutir a realidade através da arte. Segundo Harry Flint,

A arte do conceito é antes de tudo uma arte na qual o material é o conceito, assim como, por exemplo, o material da música é o som. Como os conceitos têm íntima ligação com a linguagem, a arte do conceito é uma espécie de arte da qual o material é a linguagem (DEMPSEY, 2003, p. 240).

Michael Archer discute o panorama geral da condição pós-moderna, ao problematizar e contextualizar a desconstrução e o ecletismo presente nas artes visuais desse período através da ideia de campo expandido, ao discutir o modo como a arte foi autenticada por utilizar determinados materiais que a caracterizava como obra de arte, e como esses valores são invertidos na arte contemporânea. A obra deixa de estar apenas na discussão da ideia, assim como não se limita no ato de expressão através do corpo e passa a ter o próprio espaço como material.

Nas próximas sequências didáticas, os estudos sobre arte contemporânea abordaram a ideia de campo expandido de modo mais abrangente, e os conceitos estudados serviram de referência para o desenvolvimento de memoriais descritivos com propostas de instalações artísticas. “O projeto é índice de uma obra ausente e ocupa um lugar híbrido, intermediário entre a obra de arte e a sua documentação ou entre a ideia e a sua realização” (FREIRE, 2006, p. 38).

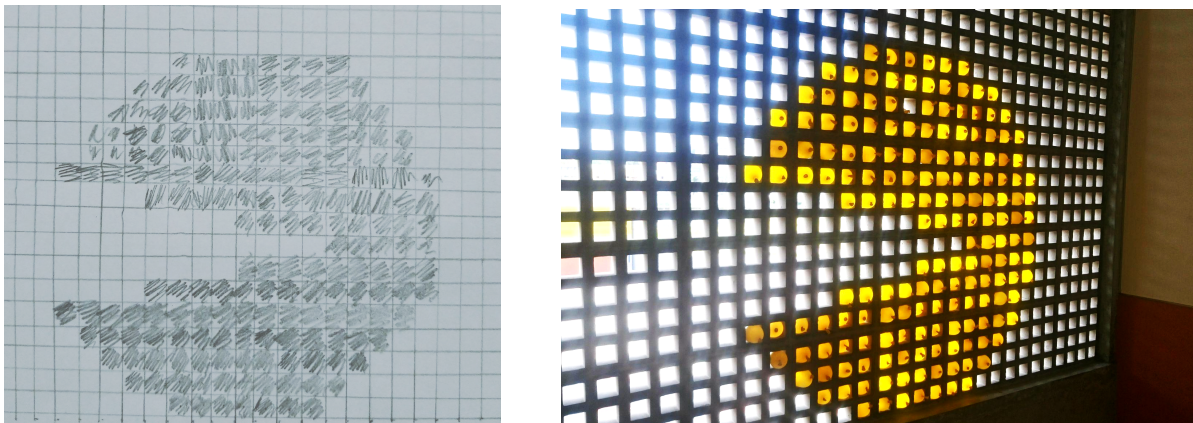
Fig. 15. Christo, Arco do Triunfo, Envolto (projeto para Paris) Praça Charles de Gaulle, desenho 2019. Lápis, carvão, pastel, giz de cera, tinta esmalte, levantamento arquitetônico e topográfico, mapa e fita adesiva 38 x 244 cm e 106,6 x 244 cm.



Fonte: <https://christojeanneclaude.net/press/arc-de-triomphe-wrapped/>. Acesso em: 25 mar. 2022.

Seguimos com a formação de agrupamentos e escolhas dos espaços externos ou internos da escola, elaboração de uma descrição detalhada dos projetos, apresentando os conceitos e intencionalidades a serem discutidas nas obras, as justificativas quanto à relevância da escolha e uso do determinado espaço e o impacto que a obra pretende despertar no espectador. Os materiais que pretende utilizar, como serão utilizados e como irá contribuir para a construção de sentido da obra, esboços com planta baixa e/ou em perspectiva apresentando de forma detalhada como será a instalação.

Fig. 16. Esboço e instalação Pac-Man com bexigas amarelas na fachada de elementos vazados. Estudantes do 9º ano, 2017.



Fonte: Acervo do autor.

Fig. 17. Geovanna, Julia, Nicolie e Rayssa, Instalação Varal, plástico adesivo colorido, barbante e prendedores de roupa. Estudantes do 9º ano, 2017.



Fonte: Acervo do autor.

Ao compreender como esses valores são invertidos na arte contemporânea, as propostas de intervenção dos estudantes foram capazes não só de abordar a obra como ideia e a integração do próprio espaço enquanto material, conseguiram compreender a produção como um processo histórico de ruptura com determinados sistemas de validação do objeto artístico.

4. O ALUNO COMO AGENTE INTERVENTOR

O que se busca é compreender como esse tempo e espaço, em que o artista está imerso, passam a pertencer a obra, em como a realidade externa penetra o mundo que a obra apresenta.

Cecília Moreira Salles

Antes de *Fonte*, 1917 ou *Roda de bicicleta*, 1913 de Duchamp, Picasso e Braque com o *papier collé* já haviam provocado uma revolução anti às definições da pintura até então fundamentadas nos valores da tradição, ao introduzir elementos da vida real como recortes de jornais e papel de parede no plano bidimensional, rompem com o conceito da arte representativa. Em *Natureza-morta com cadeira de palha*, 1912 (Fig. 14) Picasso insere na pintura um oleado que imita uma cadeira, e ao se apropriar e incorporar elementos do cotidiano na pintura, fragiliza o limiar que separa arte e vida.

Fig. 18. Pablo Picasso, *Natureza morta com cadeira de palha*, 1912. Colagem de óleo, oleado, papel e corda sobre tela, 27 × 35 cm.



Fonte: <https://www.pablocicasso.org/still-life-with-chair-caning.jsp>. Acesso em: 28 mar. 2022.

Com a intenção de discutir não só a questão da inserção de elementos da realidade na pintura, mas também exercitar o olhar crítico diante de um determinado contexto social, analisamos como a questão da morte é tratada por Picasso em *Guernica*, 1937 (Fig. 15).

Fig.19. Pablo Picasso, Guernica, 3,49 m x 7,77 m, 1937. Museu Reina Sofia, Espanha.



Fonte: www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/guernica. Acesso em: 28 mar. 2022.

Os estudantes foram convidados a observarem que Picasso trabalha a destruição da forma como meio de alcançar maior impacto e realismo. As figuras perdem a aparência humana, a inexistência da cor e do volume como recurso para intensificar a sensação de ausência de vida, a morte como um acontecimento antinatural diante do horror da guerra. Em seguida, iniciaram propostas de reinterpretação de *Guernica* a partir da observação crítica das várias manifestações de violência na atualidade.

Fig. 20. Geovana Viana, Karina Silva e Lívia Silva, Releitura de Guernica, tinta a óleo e colagem de jornal sobre sobre lona. Estudantes do 2º ano EM, 2018



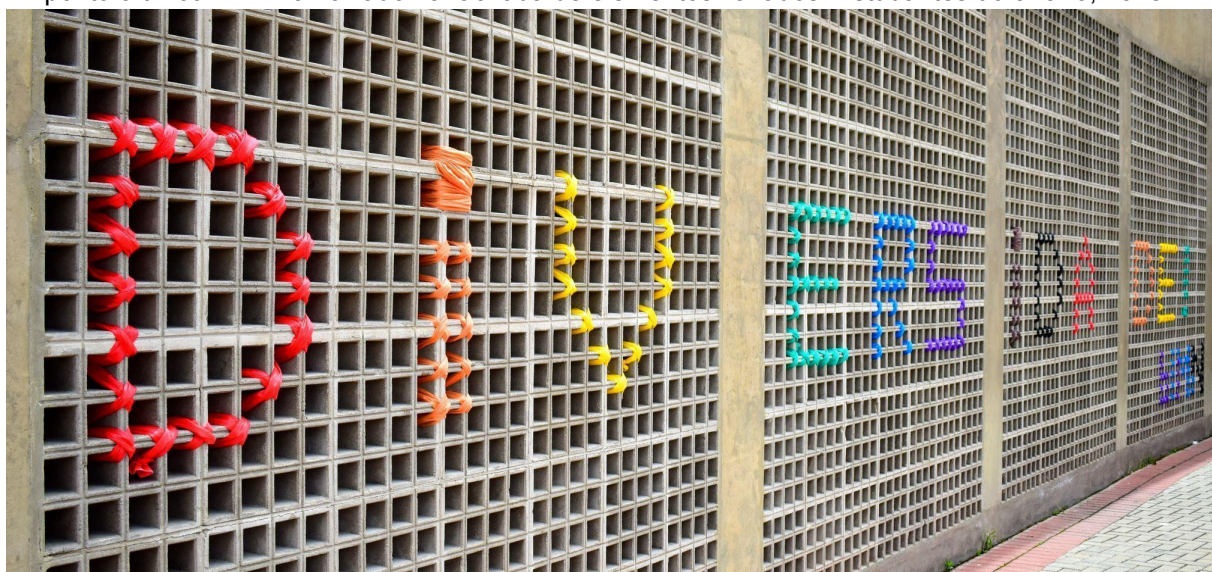
Fonte: Acervo do autor.

A arte contemporânea surge na segunda metade do século XX. Muitos artistas são levados a pensar na reconstrução da arte, por não acreditarem na possibilidade da arte moderna representar a sociedade neste momento de grandes transformações visuais. O surgimento da televisão e do computador alterou as concepções de imagem e as dimensões de compreensão da realidade. O fato de estarem numa sociedade que viveu a Segunda Guerra Mundial, levam os artistas contemporâneos a repensarem a arte a partir dessas novas ferramentas de comunicação e a questionar o papel da arte perante a classe social dominante, o homem branco e de classe média ao focar temas ligados a morte, identidades marginalizadas, como identidades étnicas, sexuais, feministas além de questões ambientais.

O artista americano Jean-Michel Basquiat (1960-1988) filho de pais haitianos e porto-riquenhos é um exemplo de manifestação de identidade étnica marginalizada. Os seus trabalhos apresentam um caráter confrontador de protesto contra o preconceito racial. Basquiat afirma que “os negros jamais são retratados realisticamente, nem sequer retratados, na arte moderna” (DEMPSEY, 2003, p. 273).

Assim, o projeto de cada artista insere-se na frisa do tempo da arte, da ciência e da sociedade. Ao discutir o projeto poético vimos como esse ambiente afeta o artista e, aqui, estamos observando o artista inserindo-se e afetando esse contexto. É o diálogo de uma obra com a tradição, com o presente e com o futuro. A cadeia artística trata da relação entre gerações e nações: uma obra comunicando-se com seus antepassados e futuros descendentes. (SALLES, p. 49)

Fig. 21. Beatriz Santos, Isabela Nascimento, Mariana Barreto e Nathália Silva, instalação Diversidade, ponto cruz com TNT amarrado na fachada de elementos vazados. Estudantes do 9º ano, 2018.



Fonte: Acervo do autor.

Em 2019, um grupo de estudantes do 9º Ano B desenvolveu uma série de pesquisas para proposta do Eixo Integrador Interáreas, com o tema *Gastar e poupar é só planejar*. Atenta aos impactos ambientais do consumo, a aluna Larissa Bilak buscou condensar os resultados das pesquisas em um desenho apresentando o planeta terra escoando em uma ampulheta, enquanto dilui, o mundo se transforma em dinheiro (Fig. 22). Este desenho e os demais dados coletados conduziram o grupo na realização do jogo de tabuleiro *World Evolution* (fig. 23), que convida o jogador para um conjunto de escolhas que irão definir o destino do planeta e da humanidade (Vide ANEXO I).

Fig. 22. Larissa Bilak, Ampulheta, lápis de cor e caneta permanente sobre papel, 42 x 29,7 cm, 2019.

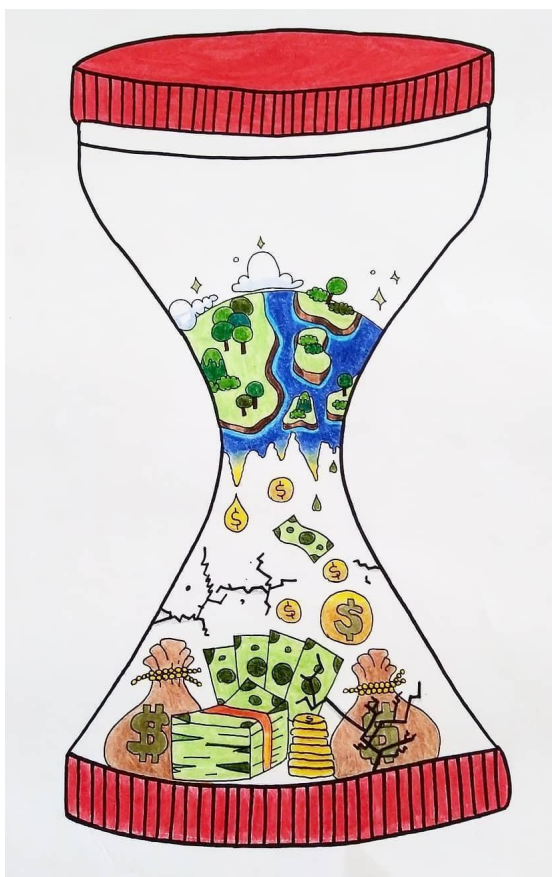


Fig. 23. Gabriel Lacerda, Gustavo Cano, Larissa Bilak, Lucas Castro, Luiz Brandão, Pedro Eduardo, Oldack Santos, Jogo World Evolution, impressão sobre lona vinílica, 40 x 250 cm, 2019 (foto 2022).



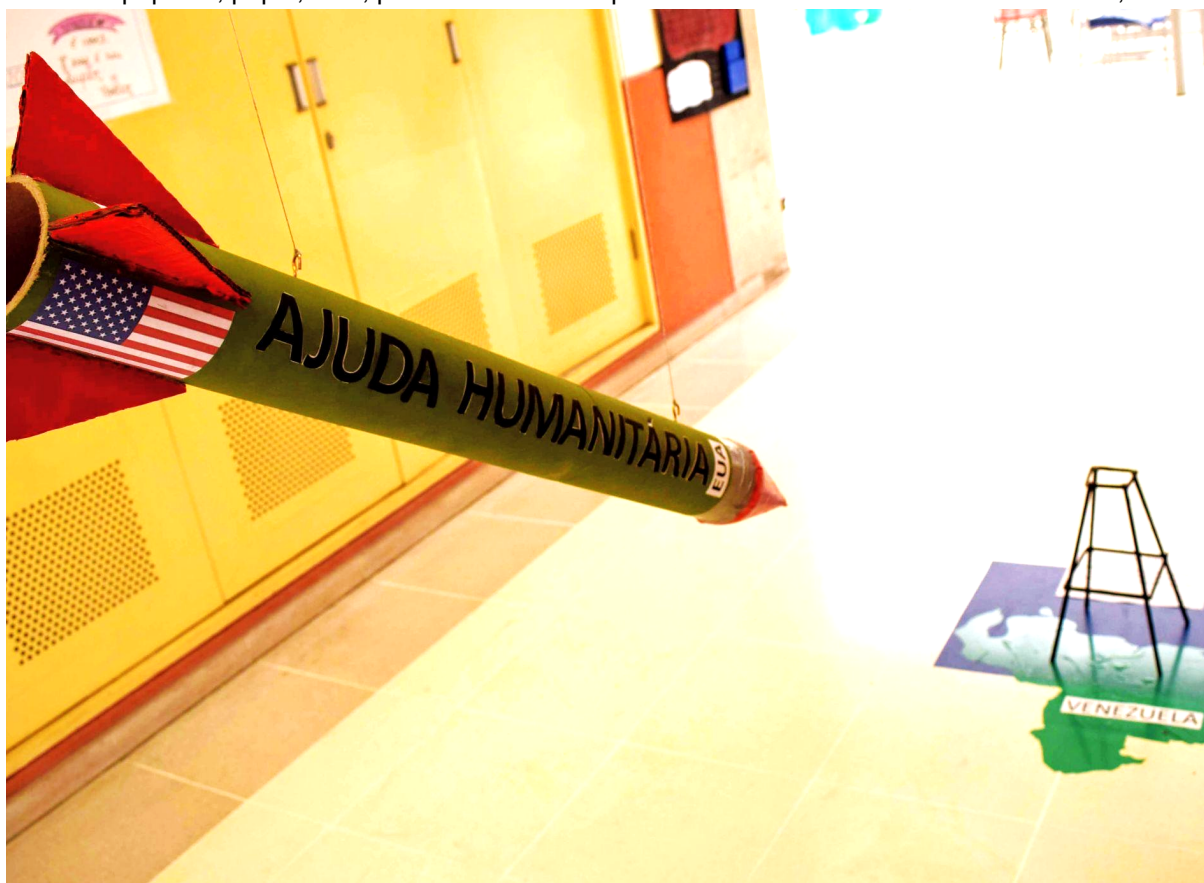
Fonte: Acervo do autor.

A importante trajetória do artista León Ferrari radicado no Brasil em decorrência da Ditadura Militar na Argentina e a crítica ferrenha que o mesmo faz às instituições políticas e religiosas apoiou algumas sequências didáticas, ao considerar a necessidade de abordar os problemas da sociedade contemporânea, as transformações nas relações sociais pós-modernas, e a necessidade de propostas

de mediação que possibilitem o desenvolvimento do estudante enquanto agente crítico e que atue politicamente nos territórios escolares.

Em outra proposta, um grupo de alunos do 3º ano EM interessados em certos aspectos da globalização e das estratégias econômicas de países imperialistas, apresentaram um posicionamento crítico diante dos impactos ambientais e da instabilidade política causados pelo capitalismo através da exploração do petróleo com a obra *Ajuda humanitária* (Fig. 24).

Fig. 24. Alana Rocha, Gusthavo Paula, Rafaella Pinho, Thais Fitipaldi, instalação *Ajuda humanitária*. Tubo de papelão, papel, tinta, palito de madeira e plástico adesivo. Estudantes do 3º ano EM, 2019.



Fonte: Acervo do autor.

Ao abordar o desenvolvimento institucional da arte brasileira durante o período da ditadura, discutimos sobre o cerceamento da liberdade intensificado pelo AI-5, os artistas censurados e como a repressão influenciou suas obras. Observamos como o artista Cildo Meireles através da apropriação de ícones populares, apresenta fortes críticas ao regime militar a partir da série *Inserções em circuitos ideológicos: Projeto cédulas*, 1970-1976 (fig. 25) e *Projeto Coca-Cola*, 1970 (Fig. 26).

Fig. 25. Cildo Meireles, Inserções em circuitos ideológicos: Projeto cédulas, 6,5 x 15 cm, carimbo de borracha sobre cédula, 1970-1976.



Fonte: <https://g.co/arts/Zn3P6ypM1QoSok8A9>. Acesso em: 30 mar. 2022.

Fig. 26. Cildo Meireles, Inserções em circuitos ideológicos: Projeto Coca-Cola, 24,5 x Ø6,1 cm, Garrafas e decalques em serigrafia, 1970.



Fonte: <https://g.co/arts/BcqYw7KZ6wpDAkr8>. Acesso em: 30 mar. 2022.

O discurso presente na obra *Seja marginal seja herói*, 1968, bandeira-poema de Hélio Oiticica continua atual diante da apologia à violência dos ditos cidadãos de bem, com os slogans “Adote um bandido”, “Bandido bom é bandido morto” e “CPF cancelado” que são amplamente difundidos por veículos midiáticos e figuras públicas no Brasil desde os anos 80, intensificado pela instabilidade democrática que se desenrola nos últimos anos. O fechamento da mostra *Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira*, apresentada no Santander Cultural, na cidade de Porto Alegre em 2017, o veto a mesma exposição pelo Museu de Arte do Rio, por decisão do prefeito Marcelo Crivella. A peça *O evangelho segundo Jesus Cristo*, com a atriz

transexual Renata Carvalho censurada no Festival de Inverno de Garanhuns em 2018. Os discursos extremistas que ganham força no atual cenário político, o desejo saudosista pelo retorno de um regime militar faz eco aos resquícios dessa repressão perpetuados na atuação do Estado contra grupos marginalizados.

contrassenso ou governo genocida (texto do autor, 2021)

suspensio	sem censo
à deriva	sem senso
penso	o denso consenso
	o quão tenso propenso
e ascenso é	o caos extenso
sem dados é dado	o esquecimento demográfico
de cem maneiras	o descenso a duras penas
	o dissenso transforma histórias
	de trajeto flutuante a inextenso
indefensos	aqueles que submersos têm fome
	de ar de dias de nome

As questões ideológicas da arte contemporânea brasileira, a aproximação com o obscurantismo e a ascensão do extremismo presenciados antes e durante as eleições de 2018, são trabalhadas com complexidade e sutilezas cortantes através da instalação *O imprendível é invisível aos olhos*, 2019 (Fig. 27) realizada por um grupo de alunas do 9º ano, sobre a obra elas escrevem:

A gaiola que prende o passarinho e o impede de ser livre, uma prisão física ou ideológica, nas mais diversas formas de opressão contra a liberdade do ser. O objetivo desta obra é mostrar que existem coisas impossíveis de se prender, e que a nossa liberdade de cantar como os pássaros, através dos nossos pensamentos, jamais poderão ser aprisionados. O imprendível é invisível aos olhos propõe refletir

sobre as barreiras que enfrentamos ao tentarmos ser livres e sobre os conceitos que criamos do que é liberdade.

Obra composta por quatro gaiolas penduradas na marquise entre os dois prédios da escola. Em uma das gaiolas um dispositivo portátil toca em looping uma faixa sonora de cerca de 20 minutos de uma trilha combinando cantos de pássaros e composições musicais que remetem à luta por liberdade.

Fig. 27. Amanda Laia, Ellen Fontes, Maria Luiza, Suellen Cristina e Isabelle Menegon, *O imprevisto é invisível aos olhos*. Estudantes do 9º ano A, 2019.



Fonte: Acervo do autor.



Vídeo: <https://youtu.be/9NkvQlhMOdw>

No mesmo ano, certos aspectos de *O imprevisto é invisível aos olhos* foram retomados, e muitas outras questões suscitadas na peça *Verdades sobre a mesa*. (Fig. 28) Produto final de um processo ocorrido ao longo do ano no Eixo Integrador Interáreas através do tema: Da geração Baby Boomer a geração Alpha. Entre os diversos assuntos pesquisados pelo grupo, mulheres e seu lugar na sociedade nos diferentes contextos geracionais, foi a situação problema escolhida para a realização de pesquisas mais elaboradas. O grupo procurou compreender as características sociais e comportamentais das gerações e as causas/consequências dessas características no dia a dia.

Ao analisar as particularidades das gerações, percebemos mudanças substanciais, para expor a compreensão dessas diferenças, optamos pela produção de uma peça teatral. A peça acentuou essas diferenças como recurso para evidenciar certos aspectos sociais envolvendo as relações geracionais. O motivo da peça, mulheres e sua atuação na sociedade foi escolhido, pois as investigações apontaram que as percepções sobre o tema é um dos que mais sofreram alterações ao longo do tempo (Vide ANEXO II).

Fig. 28. Amanda Laia, Ellen Fontes, Heloisa Mariano, Isabelle Menegon, Maria Luiza e Suellen Cristina, peça Verdades sobre a mesa, mostra do Eixo Interáreas. Estudantes do 9º ano A, 2019.



Fonte: Acervo do autor.



Vídeo: <https://youtu.be/XtH7yFKDO78>

Esta obra é resultado de um curso iniciado em 2020, ano em que nossas rotinas foram alteradas pelo isolamento social imposto pela pandemia do Coronavírus. Depois de um único sábado de encontros nos espaços da ECA-USP e de um semestre de pausa, nos aventuramos no ensino remoto, no meu caso e o de outros colegas de turma, realidade vivenciada como aluno e professor. Ao longo das aulas nos meses que se seguiram, surgiram diversas reflexões acerca de cultura da convergência, revolução digital, pós-modernidade, hipermodernidade e tantas outras, porém os questionamentos mais frequentes, talvez pela urgência, foram como essas teorias se relacionam com os processos educativos durante a pandemia e quais os prováveis caminhos pós-pandemia.

A apropriação das novas mídias através da utilização de variadas plataformas para estudo autônomo, trabalho colaborativo, e projetos pedagógicos que promovam processos de ensino aprendizagem mais integrados com o objetivo de formar estudantes autônomos, projetos transdisciplinares discutindo a cultura dos

videogames e que surpreendentemente possibilitaram meninas de doze e treze anos discutirem a sexualização de skins femininas em jogos de RPG, já era uma realidade no meu dia a dia como educador.

A ideia de que a hipermodernidade multiplicou as temporalidades foi a que alcançou maior materialidade com a suspensão das aulas e posteriormente a retomada no formato não presencial. Esse presente multiplicado foi uma constante nesse processo de transferência de escola presencial para escola virtual. A administração do calendário escolar, a possibilidade de ter aulas ao vivo, ver essas aulas gravadas, datas de envios e recebimento de atividades, prazos de fechamentos de notas, todas essas etapas tão corriqueiras foram diluídas nesse processo.

Como a Cheskin Research explicou num relatório de 2002,

a velha ideia da convergência era a de que todos os aparelhos iriam convergir num único aparelho central que faria tudo para você (à la controle remoto universal). O que estamos vendo hoje é o hardware divergindo, enquanto o conteúdo converge. [...] Suas necessidades e expectativas quanto ao e-mail são diferentes se você está em casa, no trabalho, na escola, no trânsito, no aeroporto etc., e esses diferentes aparelhos são projetados para acomodar suas necessidades de acesso a conteúdos dependendo de onde você está – seu contexto localizado. (JENKINS, 2002, p. 43)

As questões sobre as múltiplas temporalidades e a adaptação da escola presencial para a escola virtual, faz surgir um novo problema, a proposta de ensino remoto e posteriormente híbrido, onde a escola se tornou tanto esse centro de gravidade ocupando um espaço temporal por meio de um prédio e coisas e virtual tendo como centro de convergência os processos de coordenação de ideias.

Mesmo diante da condição do ensino remoto, ao me sentir desafiado por uma proposta presente no material didático, a realização de uma peça de teatro adaptando o texto original de *Arena Conta Zumbi*, com estreia em 1º de maio de 1965 no Teatro de Arena de São Paulo, escrita por Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal e música de Edu Lobo. Considerei compartilhar o desafio com os estudantes, apresentando duas possibilidades para as turmas dos primeiros anos do ensino médio, realizar a peça de teatro online, utilizando os recursos de multi telas do Microsoft Teams ou realizar uma adaptação para o formato de podcast, a segunda opção foi a escolhida.

Além dos textos de apoio no material didático, desenvolvi uma possibilidade de leitura ligando o passado que a peça apresenta, o momento social e político do Brasil quando a obra foi realizada e as reverberações desse passado na atualidade. Após a leitura do texto original da Peça *Arena conta Zumbi*, para melhor compreensão do contexto do momento em que a peça teve sua estreia, ouvimos *Cálice*, 1973 de Chico Buarque e Gilberto Gil, uma música de protesto e resistência ao regime militar. Ouvimos também a versão *Cálice*, 2011 do artista Criolo e *80 tiros - Versão Cálice*, 2019 da cantora e compositora Ella Fernandes, que não são apenas releituras da música de Chico Buarque e Gilberto Gil, através do uso de elementos da periferia de São Paulo ou Rio de Janeiro, mas, podem ser vistas como novas vozes cantando *Arena conta Zumbi*, nos apontando como toda a resistência evocada pela memória icônica presente no nome Zumbi são tão urgentes hoje quanto no passado.

Cálice, 1973 de Chico Buarque e Gilberto Gil

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga

Tragar a dor, engolir a labuta

Mesmo calada a boca, resta o peito

Silêncio na cidade não se escuta

De que me vale ser filho da santa

Melhor seria ser filho da outra

Outra realidade menos morta

Tanta mentira, tanta força bruta

Como é difícil acordar calado

Se na calada da noite eu me dano

Quero lançar um grito desumano

Que é uma maneira de ser escutado

*Esse silêncio todo me atordoa
 Atordoado eu permaneço atento
 Na arquibancada pra a qualquer momento
 Ver emergir o monstro da lagoa*

*De muito gorda a porca já não anda
 De muito usada a faca já não corta
 Como é difícil, pai, abrir a porta
 Essa palavra presa na garganta
 Esse pileque homérico no mundo
 De que adianta ter boa vontade
 Mesmo calado o peito, resta a cuca
 Dos bêbados do centro da cidade [...]*

Cálice, 2011 do artista crioulo

*Como ir pro trabalho sem levar um tiro
 Voltar pra casa sem levar um tiro
 Se as três da matina tem alguém que frita
 E é capaz de tudo pra manter sua brisa
 Os saraus tiveram que invadir os botecos
 Pois biblioteca não era lugar de poesia
 Biblioteca tinha que ter silêncio,
 E uma gente que se acha assim muito sabida*

*Há preconceito com o nordestino
 Há preconceito com o homem negro
 Há preconceito com o analfabeto
 Mas não há preconceito se um dos três for rico, pai*

*A ditadura segue meu amigo Milton
 A repressão segue meu amigo Chico
 Me chamam Criolo e o meu berço é o rap
 Mas não existe fronteira pra minha poesia, pai.*

*Afasta de mim a biqueira, pai
 Afasta de mim as biate, pai
 Afasta de mim a coqueine, pai
 Pois na quebrada escorre sangue, pai...*

80 tiros, 2019 versão Cálice da artista Ella Fernandes

*Sair com sua família no domingo
 Ter seu carro alvejado por 80 tiros
 Sem ter feito nada para merecer isso
 É o que acontece com quem é retinto
 A cada onze minutos morre um homem negro
 E tem gente que diz que isso não é racismo
 Podia ser meu pai, meu irmão, meu filho
 Eu peço que deixem o homem negro vivo
 Acordar vivo no Brasil é um privilégio
 Quando se é alvo fica mais difícil
 Cadê Amarildo, a Cláudia, a Marielly.
 111 tiros num carro com cinco
 Pai, afasta de mim essas balas pai
 Pai, afasta de mim o perigo pai
 Afasta dos meus ser o alvo pai
 Parem de derramar nosso sangue.*

Após os momentos de sensibilização, as turmas foram divididas em dois grupos, cada grupo escolheu três integrantes para a direção e desenvolvimento do roteiro. Além do desafio de reescrever *Arena conta Zumbi*, foi ainda mais desafiador para os roteiristas e diretores coordenar grupos de 16 estudantes em todas as fases do projeto de um podcast com tantas vozes em um momento no qual a escola deixou de ser um espaço físico, dos múltiplos presentes e a autogestão nos momentos de atividades assíncronas. Foi necessário um grande esforço para integrar as aulas síncronas, as plataformas digitais e o trabalhar individual e coletivamente para dar conta do projeto. O empenho dos estudantes na organização

das falas e orientações para as gravações (vide ANEXO III), a clareza do roteiro (vide ANEXO IV) e a direção impecável da peça, resultaram em trabalhos incríveis.

O diretor, neste caso, é visto como uma liderança, que convoca para a realização de um projeto, por ele idealizado ou proposto; no entanto, esta equipe é formada por sujeitos, com seus próprios desejos e buscas. Ao mesmo tempo que o ator se coloca à disposição do projeto do diretor, ele quer estar muito bem neste papel, provavelmente para atender a seu desejo individual. (SALLES, p. 128)

ATO I - Podcast Arena conta Zumbi
1º ano A EM, 2020



Vídeo: https://youtu.be/EI7_QZNf8QQ

Roteiro adaptado e direção do ato I:

Amanda Laia, Isabelle Menegon e Maria Luiza

Integrantes: Alisson Ferro, Ana Carolina, Ellen Fontes, Erick Nathan, Gabriel Tognete, Giovanna Freitas, Júlia Gonçalves, Lucas Castro, Lucas Oliveira, Mickaely Freitas, Miguel Moreira, Sofia Ribeiro e Suellen Cristina.

ATO II - Podcast Arena conta Zumbi
1º ano A EM, 2020



Vídeo: <https://youtu.be/5WHzILJ4tyE>

Roteiro adaptado e direção do ato II:

Emanuelle Assis, Lucas Silva e Pedro Santos

Integrantes: Bianca Helena, Breno Santos, Gabriel Lacerda, Gabriel Tavares, Gustavo Prado, Higor Duarte, Júlia Marcelino, Larissa Guilherme, Letícia Rodrigues, Miguel Antônio e Victor Ferreira.

5. EDUCAR, LIBERTAR E ESPERANÇAR

[...] os processos de criação interligam-se intimamente com o nosso ser sensível. Mesmo no âmbito conceitual ou intelectual, a criação se articula principalmente através da sensibilidade.

Fayga Ostrower

Em 2016, ao perguntar para os estudantes do 6º ano o que é arte, responderam em coro que arte é desenho e pintura, alguns arriscaram música, dança e escultura. Em seguida, foram questionados sobre a função da arte, e não tiveram nenhuma dificuldade em responder que era pra se expressar. Com esta mesma turma, em 2019 já no 9º ano, iniciamos as discussões sobre arte contemporânea a partir das mesmas perguntas e através da análise da palavra arte e a sua origem no latim *ars*, que significa habilidade ou perícia e *artifex*, que dá origem às palavras artista, artífice, artesão, artifício, artimanha e etc. Ao observar que as palavras mudaram de sentido ao longo do tempo, e que não possuem significado fixo, e ainda que esses significados podem parecer contraditórios ao definir determinadas modalidades da arte contemporânea.

Em 2022 no 3º ano EM, titubeantes diante das mesmas perguntas, afirmaram que não é algo fácil de responder, pontuaram que nos últimos anos, puderam perceber que as concepções sobre o que é a arte ou a sua função, não possuem definições únicas e estão constantemente se transformando, evidenciaram que formular definições sobre a arte tem sido um processo cada vez mais difícil, ao passo que demonstraram compreender que as convenções socioculturais que legitimam um artefato como obra de arte, além de mutáveis, foram abaladas pelo modernismo e entram em crise na contemporaneidade, posicionamento bastante coerente com a afirmação de que a condição pós-moderna “se caracteriza pela rejeição ou supressão de formas de legitimação que se fundamentam na narrativa” (CONNOR, 1993, p.13).

Além das concepções sobre a arte, ao investigar de quais modos o professor artista é visto pelos estudantes e pela gestão da escola, e como esse ser artista, se evidencia na prática docente, entre as respostas, a palavra paixão, utilizada para definir a propriedade e o modo como as obras e os artistas são abordados foi confluyente com a palavra sensibilidade, ao ressaltar como essa aproximação entre o

modo como os artistas produzem e a prática docente, o trazer a arte e o produzir arte no território escolar se apresentam como possibilidades de desenvolvimento do sensível, e apesar de apresentar maior evidência nas artes visuais, essa predileção por um determinado campo de atuação artística, se mostra como traço que personifica positivamente a atuação do educador sem necessariamente ocorrer o detrimento da abordagem das demais linguagens.

Ana Macêdo, Amanda Iaia, Julia Marcelino, Isabele Ochini, Larissa Camargo, Maria Teixeira e Miguel Moreira, estudantes do 3º ano A, se apresentam como as vozes necessárias para o fechamento deste trabalho, investigam a importância da Arte nas várias esferas da vida e preocupados com certos aspectos da reforma do Ensino Médio, desenvolveram sob orientação do professor Diego Vilas, o projeto Revolucionar-te: Arte, Educação e Cidadania. Após muitas pesquisas, no tópico *Arte: expressar, educar, libertar e esperar* escrevem:

[...] Os benefícios ligados à esfera mental trazidos pelo acesso à arte são de extrema importância à preservação da vida, principalmente em momentos obscuros como o atual. O isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19; as perdas humanas desse período; o frequente medo; a crise econômica e a incerteza iminente abalaram de maneira ainda não totalmente conhecida a vida da população mundial. Segundo a pesquisa “Juventudes e a Pandemia do Coronavírus”, exaustão, insônia, sentimentos ansiosos e depressivos se tornaram parte da vida de mais da metade dos 68 mil jovens entrevistados. Além disso, nos dois anos pandêmicos (de 2020 a 2022), a fome arrasou muitas famílias, que juntas somam 33,1 milhões de brasileiros.

Nesse contexto, fica claro a importância de se haver algo que permita às pessoas, e principalmente aos jovens, desabafarem, exporem seus protestos, imaginarem e viverem, por um momento, outra realidade. A Arte, portanto, é, muitas vezes, o que mantém indivíduos aptos e dispostos a permanecerem vivendo.

Diante das exposições, pode-se concluir que a arte, contribuindo para a expressão e para a educação, é um importante pilar da liberdade e da esperança, duas ideias que movem e potencializam a existência e, por conseguinte, o mundo e as conquistas sociais e individuais.

Nesta empreitada, o grupo identificou as preferências e desejos da comunidade escolar sobre o apreciar e produzir arte, e a partir desses dados, planejam um conjunto de ações para promover a produção artística com a gestão

dos próprios alunos. No tópico *Arte: cercear, semear o caos e dificultar a cura*, o grupo suscita reflexões pontuais:

Diante de tamanha importância à formação crítica dos cidadãos e universalidade, a arte se tornou alvo das forças sociais que trabalham para o controle e exploração dos indivíduos. Conceitos como o da Indústria Cultural explicam bem como os objetivos emancipatórios da cultura e da arte foram usurpados, transformando produções “artísticas e culturais” em produtos vazios e alienantes.

Nem mesmo a Escola, instituição que, em sua essência, preza pela formação crítica do indivíduo para que esse exerça sua cidadania de maneira genuína, está ileso às influências de tais forças. A instituição social em questão tem o papel de ensinar e promover a arte, função que lhe foi designada há menos de trinta anos pela Lei de Diretrizes e Bases 9394/96. No entanto, novas reformas na estrutura educacional brasileira (Lei nº 13.415/2017) contribuem para o afastamento da população, principalmente os jovens, da arte, propondo redução a presença dela no currículo escolar para dar espaço a outras disciplinas voltadas ao mundo do trabalho e ao conhecimento técnico. Ou seja, os jovens terão cada vez menos contato com a arte, e, obviamente, com os benefícios desta, sendo esse afastamento pautado em interesses das mesmas estruturas sociais já citadas anteriormente, que se beneficiam da alienação, condicionamento e redução dos indivíduos à mera mão de obra.

O afastamento da população da cultura com tudo que esta abarca, também fica claro quando observa-se o desmonte das verbas públicas voltadas à área: entre 2015 e 2019, reduziram-se os gastos em 30%, o que mostra que, mesmo antes da pandemia de Covid-19, o descaso já estava instaurado. Já no pós-pandemia, foram vetadas pelo chefe do executivo as leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc 2, que visavam fomentar o setor prejudicado pelas restrições decorrentes do período pandêmico.

O cerceamento do acesso à cultura para uma parcela da população e o sufocamento da classe artística chamam atenção para as seguintes reflexões: quem se beneficia com o desmoronar cultural e artístico do Brasil e como se dá tal beneficiamento? Quais os prejuízos individuais e coletivos deste desmonte? Pensar sobre isso é, mais uma vez, enfatizar a importância social da Arte.

A pandemia acelerou um processo inevitável, ao impor a necessidade de uma rápida modernização técnica, escolas, estudantes e professores não tiveram

alternativa, evoluir ou serem ultrapassados. O ensino remoto e híbrido que se apresentou como solução para o ensino neste momento onde a presença dos alunos nas escolas ficou impossibilitado ou ocorreu por escalonamento, apontam para novas possibilidades para o futuro da educação, soluções para os séculos de defasagem dos sistemas de ensino, repensar e atualizar a educação é necessário, e essas novas propostas se apresentam oportunamente. Neste momento de grandes transformações, qual será o papel atribuído ao ensino de arte na formação do ser sensível e crítico, quando essas soluções podem se apresentar sob a ótica neoliberal?

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. *Tuneu, Tarsila e outros mestres: o aprendizado da arte como um rito de iniciação*. São Paulo: Plexus, 1998.

ARCHER, *Michael*. *Arte contemporânea: uma história concisa*. Tradução de Alexandre Krug e Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARGAN, G.C. *Arte Moderna*. São Paulo: Cia. Das letras, 1992.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Experiência do Pensamento, In: Da Realidade sem Mistérios ao Mistério do Mundo: Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CONNOR, Steven. *Cultura Pós-Moderna: introdução às teorias do contemporâneo*, São Paulo: Loyola, 1993.

DEMPSEY, Amy. *Arte conceitual*. In: *Estilos, escolas e movimentos*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

FREIRE, Cristina. *Arte conceitual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação; tradução Susana Alexandria*. São Paulo: Aleph, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto Inacabado: processo de criação artística*. 5º ed. São Paulo: Intermeios, 2012

_____. *Redes da Criação: Construção da obra de arte*. São Paulo: Horizonte, 2008.

_____. *Processos de criação em grupo: diálogos*. São Paulo: Estação das letras e cores, 2017.


Referências sonoras e audiovisuais













BUARQUE, Chico e NASCIMENTO, Milton. Cálice. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45121/>. Acesso em: 26 mar. 2022.

CRIOLO DOIDO – Cálice. Publicado em: 9 set. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=utJENUg2NJ4>. Acesso em: 26 mar. 2022.

ELLA FERNANDES – 80 tiros, versão de Cálice. Publicado em: 10 de abr. de 2019. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/TWIR0ji5Yc?feature=share>. Acesso em: 26 mar. 2022.

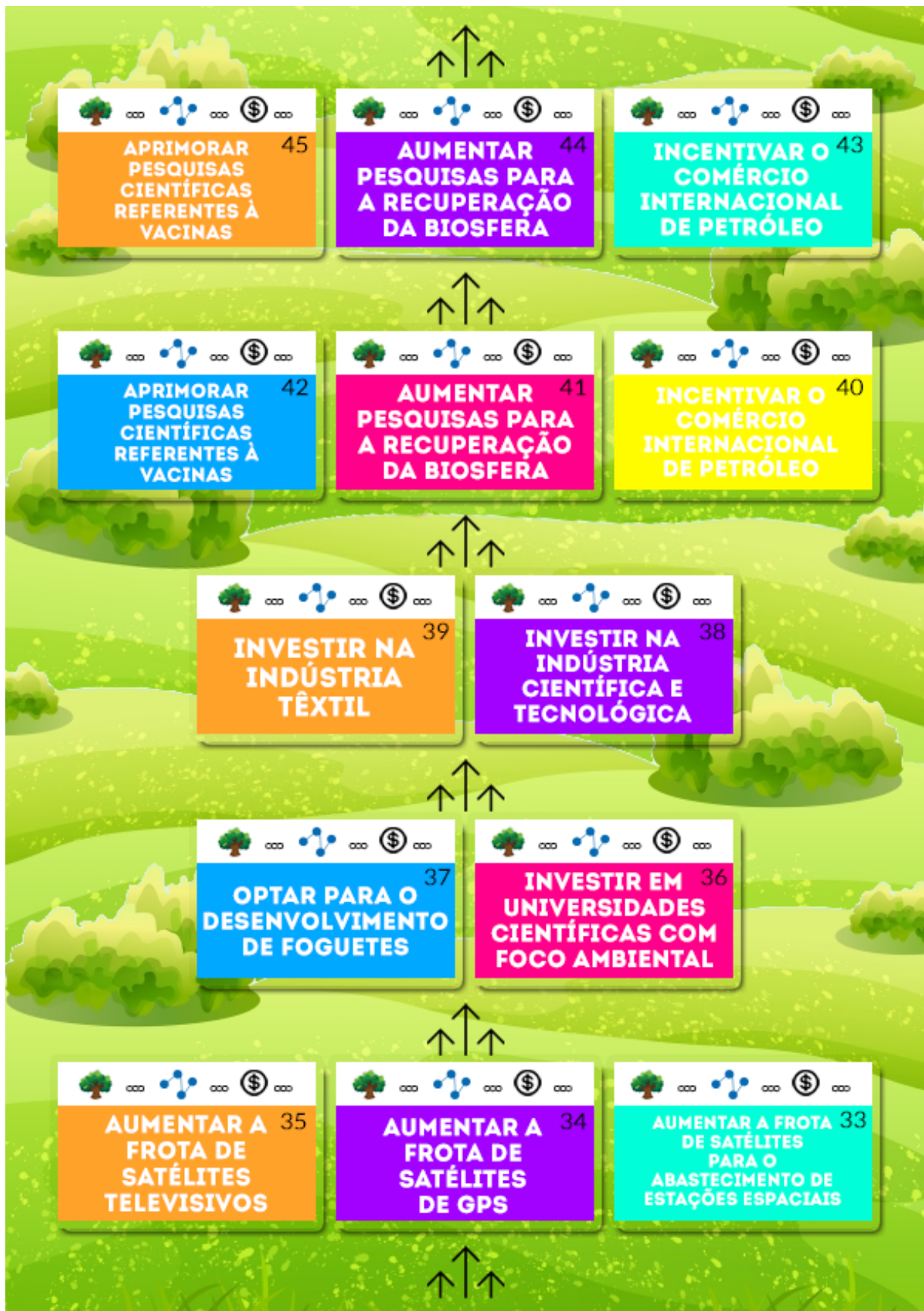
ANEXO I - Tabuleiro do jogo World Evolution



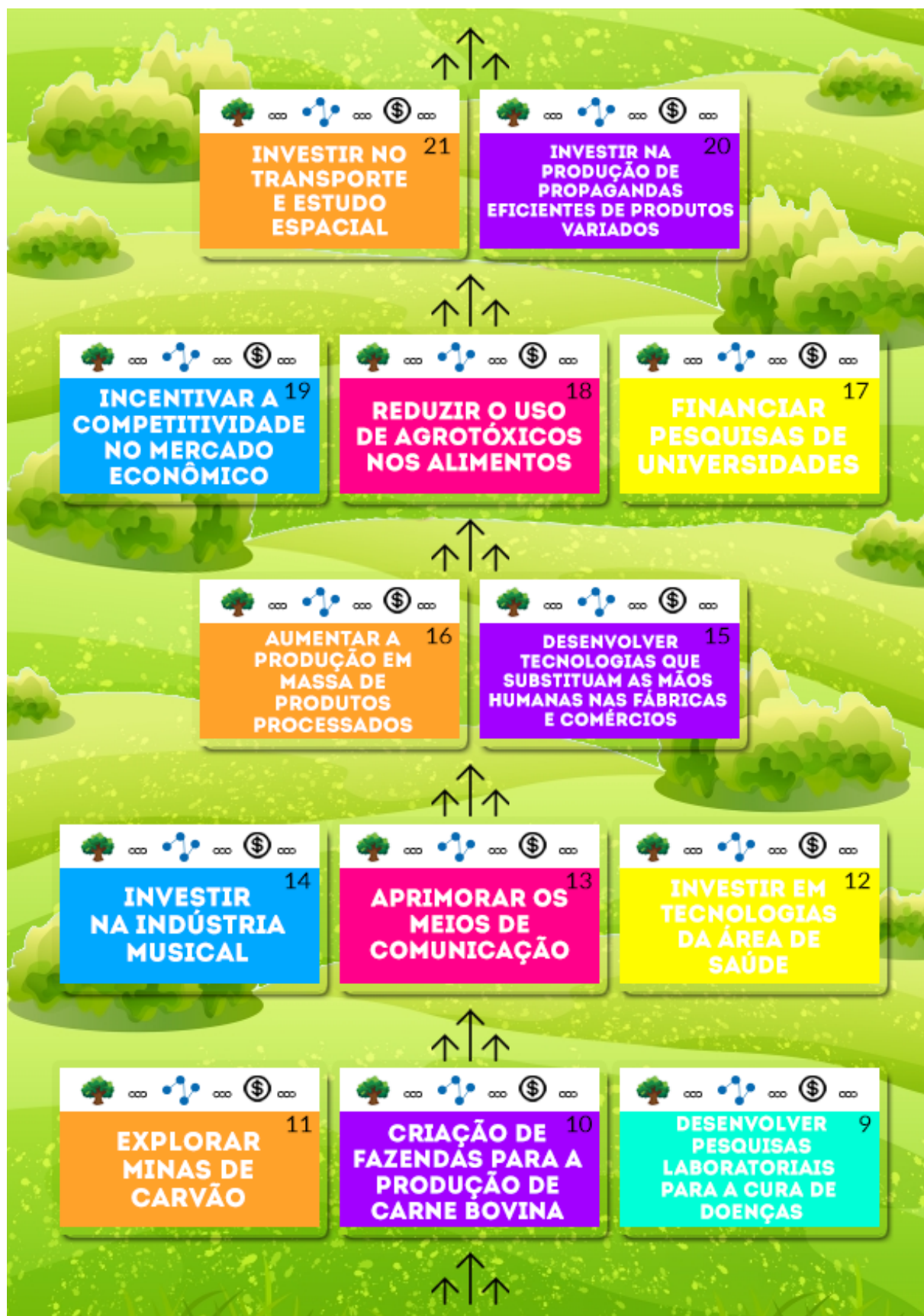
FINAL 1	FINAL 2	FINAL 3	FINAL 4
O PLANETA SE TORNOU INABITÁVEL E TODA A HUMANIDADE FOI EXTINTA.	O PLANETA SE TORNOU INABITÁVEL E A PARTE MAIS RICA DA POPULAÇÃO MUNDIAL CONSEGUIU SAIR DA TERRA PARA COLONIZAR OUTRO PLANETA	O PLANETA PERMANECEU FAVORÁVEL À VIDA HUMANA MAS NÃO HÁ TECNOLOGIA O SUFICIENTE PARA COLONIZAR OUTRO PLANETA.	O PLANETA PERMANECEU FAVORÁVEL À VIDA HUMANA E TAMBÉM HÁ TECNOLOGIA O SUFICIENTE PARA COLONIZAR OUTRO PLANETA.
NECESSÁRIO:	NECESSÁRIO:	NECESSÁRIO:	NECESSÁRIO:
 -6.000	 6.000 À 7.000	 +7.000	 9.750
 -8.000	 +14.700	 8.000 À 14.700	 14.750
 -6.000	 +8.000	 +6.000	 9.000

VOCÊ CHEGOU AO FIM DO JOGO!
AGORA, CALCULE QUANTOS PONTOS ADQUIRIU E VEJA QUAL É O DESTINO QUE VOCÊ DEU AO PLANETA TERRA A PARTIR DE SUAS DECISÕES.









8 PRODUZIR MAIS ÔNIBUS E INCENTIVAR O USO DE TRANSPORTE PÚBLICO

7 APRIMORAR O SISTEMA DE CICLOVIAS

6 DESENVOLVER UMA NOVA FROTA DE CARROS TECNOLÓGICOS

5 INVESTIR NA INDÚSTRIA DE ENERGIA TERMOELÉTRICA

4 INVESTIR NA REDE DE DESCARTE

3 INVESTIR NA INDÚSTRIA PETROLÍFERA

2 INVESTIR NA INDÚSTRIA DE TRANSPORTES

1 INVESTIR NA INDÚSTRIA AGROPECUÁRIA

INÍCIO

WORLD EVOLUTION

O DESTINO DO PLANETA TERRA ESTÁ EM SUAS MÃOS.

9º ANO B - 2019

SESI

ANEXO II - Roteiro da peça Verdades sobre a mesa

(A peça se inicia com Dulce e Amélia preparando a mesa e conversando)

(Amélia ajeita os talheres na mesa enquanto Dulce procura os óculos pelos espaços da casa.)

- Já achou os óculos, mãe? – *Questiona Amélia.*
- Nem, fia. Não sei onde eles se enfiaram. Minha cabeça já tá ficando ruim pra essas coisas de memória, acho que to começando a ficar velha – *Diz Dulce humoradamente.*
- Que nada, mãe. Você está na flor da idade – *Amélia responde, seguindo a onda de humor.* – Os meninos não vêm hoje, mãe? – *Diz Amélia.*
- Você sabe como são seus irmãos né filha?! Eles disseram que não vai dar. – *Responde Dulce.*
- Ah, entendi. Esses meninos, só por Deus. – *Conclui Amélia.*
- E seu marido e a Jéssica, vão vir? – *Questiona Dulce.*
- A Jéssica está na escola, deve chegar daqui a pouco. O Ricardo está atolado de trabalho, não vem. – *Amélia responde fazendo um sinal negativo com a cabeça.*
- Êta, fiz a comida pensando que todos viriam. Essa família está cada vez menos unida mesmo – *Diz Dulce com um ar de desapontamento e crítica* – Mas tudo bem, entendo o lado deles, até porque eles precisam trabalhar fora para sustentar a família.

(Ao final da fala, Aurora bate na porta e Amélia atende a porta. Aurora entra juntamente com Sophia.)

- Oi! Tudo bem? – *Diz Aurora cumprimentando Amélia.*
- Oi! Tudo, e vocês? – *Responde a irmã mais velha.*
- Estamos bem, né filha!? – *Diz Aurora chamando a atenção de Sophia que estava mexendo em um aparelho eletrônico.* – Dá oi pra sua tia, menina. – *Completa Aurora tirando o aparelho da criança.*
- Oi, tia! – *Diz Sophia abraçando sua tia enquanto sua mãe deixa as bolsas em um canto no chão.*

(Nisso Sophia, que não diz oi a Dulce, já senta no tapete de brinquedos levando consigo seu tablet.)

(Aurora se direciona a Dulce enquanto Amélia fecha a porta.)

- Oi mãe, tudo bem com a senhora? – *Diz Aurora.*
- Oi, Rora. Tô bem sim minha fia, e tu? – *Responde Dulce.*
- Ai mainha, que bom então. Estou bem também. – *Diz Aurora.*
- Então tá bão. Vamo cume agora? – *Convida Dulce.*
- Não vamos esperar pelos outros hoje? – *Questiona Aurora.*
- Só está faltando a Jéssica chegar, mas ela já devia estar aqui nessa hora. Não sei o que fazer com essa menina. – *Amélia responde.*
- Tem que tomar cuidado, o mundo está muito perigoso hoje em dia. Na minha época, as meninas andavam sempre acompanhadas pra não correr nenhum tipo de risco. Mas também, os homens daquela época eram muito mais cavalheiros que agora, porque os hoje parecem que não sabem se portar diante de uma dama. – *Interfere Dulce e diz criticando o agora.*
- Mas mãe, não é assim que as coisas deveriam ser né!? Não devemos ter esse medo e essa proteção especial, e os homens são como eram antes, só você não vê. Mas, enfim, deve estar tudo bem, ela deve ter ido a algum lugar com as amigas. Vi uns status dela de quase agora e estava tudo bem. – *Fala Aurora guardando o celular.*
- Es... o que? – *Interroga Dulce.*
- Status. Aqueles do WhatsApp vó, a rede social. – *Grita Sophia do tapete.*

(Todas se olham admiradas com o entendimento da menina.)

- Ai, Aurora. Mesmo assim, ela deveria ter ligado pra avisar, né? Mas deixa ela chegar aqui que a gente vê o que faz. – *Fala Amélia com indignação.*
- Olha lá o que você vai fazer hein Amélia – *Diz Aurora.*
- Não, mas está certa ela. Tem que brigar mesmo, senão não aprende. Na minha época era assim: apanhávamos de cinta ou de espada de São Jorge, e, se reclamássemos, recebíamos coisa pior. Era só assim que tínhamos educação com os pais, tios, primos, avós, irmãos, amigos... Por isso, essa geração de hoje está toda perdida e rebelde aí. – *Diz Dulce com indignação.*

- Mãe, quantas vezes vou ter que te falar que bater não resolve? Você não nos criou assim e estamos muito bem. Para uma pessoa ter respeito e educação, ela precisa ser ensinada desde muito cedo e de maneira progressiva, não na escola ou com a violência, como muitos pensam. – *Responde Aurora.*
- Mas vocês não faziam coisas assim, por isso nunca usei a violência. Sempre fiquei em casa e cuidei de vocês enquanto teu pai trabalhava fora. – *Insiste Dulce.*
- Por isso mesmo. Tínhamos você sempre presente para nos ajudar. Hoje em dia isso aí está diferente, as mulheres estão ganhando espaço no mercado de trabalho, assim não conseguem ficar só cuidando de casa e dando tanta atenção aos filhos. Elas tentam dar seu máximo aos dois lados. – *Rebate Aurora.*
- É, mãe. Nessa vou ter que concordar com a Aurora, hoje em dia não tá fácil pra ninguém não, os dois tem que trabalhar pra conseguir se sustentar e estabilizar o trabalho com a casa. Infelizmente não estamos mais tão presentes. – *Apoia Amélia.*
- Ah tudo bem gente, vamo cumê que ganhamos mais – *Diz Dulce cansada de implicar com o assunto.*

(Enquanto essa conversa acontecia, Sophia estava sentada utilizando um aparelho eletrônico e as outras três personagens estavam se acomodando à mesa. Aurora chama a atenção de sua filha e pede para que esta sente-se à mesa para jantar.)

Sophia vem comer, vamos logo. – *Impõe Aurora.*

– Ai mãe, me deixa mais um pouquinho, tá quase acabando o filminho do Lucas Neto, por favooooor! – *Diz desesperadamente Sophia.*

– Sophia, cê tem que sair desse celular menina, se você não vier agora e ficar com fome depois, não vou deixar você comer nada – *Diz duramente Aurora à Sophia*

– Deixa, eu não to com fome mesmo. – *Conclui provocante Sophia*

– Então tá bom, vai passar fome e não vou estar nem aí. – *Finaliza Aurora.*

(Sophia então pensa bem e vai para mesa.)

– Ala, vê se mereço você garota. – *Diz Aurora.*

(Todas riem.)

- Mas e aí, filha, como está o trabalho? – *Direciona Dulce a Aurora.*
- Ah, está uma loucura. Dois colegas entraram de licença e o trabalho deles foi repassado para os outros da equipe, deu uma boa sobrecarregada. Mas é uma situação temporária.
- Ah, entendi. Se continuar assim, daqui a pouco você não vai aguentar né!? Ou a mulher trabalha ou ela cria um filho, como disse, os dois são complicados, filha. – *Diz Dulce.*
- Ainda mais sem a presença de um marido... – *Emenda Amélia.*
- Gente, de novo isso? Já conversamos bastante sobre minha escolha de ser mãe solo e sobre como vou lidar com isso. Vou falar de novo: não preciso de marido nenhum e vou conseguir conciliar as duas tarefas. Se a gente puder pular os sermões, eu agradeço. – *Conclui Aurora.*
- Tá bom, Aurora. Mudando de assunto, Jéssica mandou alguma notícia pra você? – *Pergunta Amélia para Aurora.*
- Então, estava conversando com ela até quase agora, mas ela não respondeu na... – *Aurora responde.*
- Oie, galera! – *Diz Jessica entrando em casa interrompendo a fala de Aurora.*
- Falando da tal, olha quem chegou. A gente já começou a jantar, anjo. – *Diz Amélia com um ar sarcástico.*
- Estou vendo, mãe. – *Responde rispidamente Jéssica.*
- Você quer comer, fia? Pega o prato e põe sua comida antes de esfriar. – *Sugere Dulce.*

(Jéssica absorve a sugestão da avó e começa a se servir. Enquanto isso, a conversa continua.)

- E aí, como cê tá Jé? – *Questiona Aurora.*
- Ah tia, tô bem, e você? – *Jéssica replica .*
- Ah, que bom! Tô bem também. – *Responde Aurora.*
- Você não vai contar pra gente onde estava, mocinha? – *Questiona Amélia curiosa.*
- Ai mãe, menos né, vamo calmá o coração. Estava dando um rolê com meus amigos, nada demais. – *Responde Jéssica.*

- Fala direito com sua mãe, menina! – *Intercepta Dulce olhando severamente para Jéssica.*
- E não podia ter avisado antes? – *Volta a questionar Amélia.*
- Aí, eu esqueci, tá bom? – *Jéssica retorna.*
- Esqueceu? Simples assim? – *Continua Amélia.*
- Ai, mãe. O que você quer que eu diga? – *Questiona Jéssica aumentando o tom de voz.*
- Vamos ter uma conversa em casa, mocinha. Vamos ver se você continua assim sem esse celular e de castigo. – *Respondeu com tom de ameaça Amélia.*
- Calma, gente! Vamos comer e depois a gente resolve e esclarece isso. – *Aurora interrompe a discussão.*
- Você tem que respeitar sua mãe, fia. Quando eu era jovem, os mais velhos eram bem melhor respeitados. Se ousássemos agir assim, o bicho pegava pra gente. – *Adiciona Dulce.*
- Vó, outros tempos... – *Replicou Jéssica.*

(Após um período de silêncio, Aurora inicia uma nova conversa.)

- Jé, e aquela história da sua amiga? Já encontraram o culpado?
- Pior que não, a gente tá divulgando informações sobre ocorrido para ajudar nisso, mas está bem complicado. – *Responde Jéssica com um ar de tristeza.*
- O que aconteceu? – *Questiona Dulce curiosa.*
- Uma amiga minha e sua namorada foram espancadas na rua enquanto passeavam juntas. Isso aconteceu há duas semanas e até agora o agressor não foi devidamente punido. – *Explica Jéssica.*
- Provavelmente não se deram o devido respeito. Deviam estar namorando por aí quando o certo é ficar em casa, sem se expor. E olhe lá né porque esse tipo de relacionamento é pura palhaçada, nem deveria existir, se as crianças veem... – *Justifica Dulce.*
- Vó! Não é assim! Elas estavam apenas andando de mãos dadas no centro, nada de mais e mesmo se tivessem nada justifica. – *Expõe Jessica.*
- Nossa! Esse mundo está perigoso mesmo. Conseguiram resgatar as coisas que levaram delas? – *Questiona Amélia.*

- Não foi roubo, foi uma questão de homofobia e discriminação! – *Jéssica afirma de maneira concisa.*
- Nosso país está passando por uma onda gigantesca de apologia à violência e ao desrespeito, além de estarmos mostrando que os preconceitos ainda vivem em nós cada dia mais. Sabemos que nada é feito a respeito. Mas também, o que queríamos? Colocamos alguém a favor desses ideais no poder. Como esperar mudanças? – *Emenda Aurora.*
- Exatamente, tia. Vocês não concordam? – *Pergunta Jéssica de maneira sugestiva à Amélia e Dulce.*
- Meninas, já falei para vocês que a culpa não é do nosso presidente. Ele não pode fazer nada a respeito. A culpa é do povo mesmo. – *Diz Dulce.*
- Vocês têm seus ideais e nós temos os nossos. A situação vai melhorar. A ordem vai ser instalada em nosso país e os bandidos vão pagar por aquilo que fizeram. Por enquanto, vamos dar um tempo para o governante arrumar a bagunça que os ladrões fizeram. – *Conclui Amélia.*
- Como eu e a tia tentamos explicar pra vocês, o dito cujo não tem preparação para tal feito. Além disso, questões como respeito, empatia, solidariedade e sensatez passam bem longe das ações por ele tomadas. Ainda pior, já que ele se baseia na religião para justificar seus posicionamentos. Mas okay, não vamos discutir isso novamente, vamos esperar até que vocês vejam. – *Fala Jéssica dando uma risada sarcástica e trocando olhares com Aurora.*
- Jessica já lhe disse que religião e política são coisas distintas e que não podem ser misturadas. – *Intercepta Amélia.*
- Não nesse país, né mãe?! – *Questiona Jéssica.*
- Minha filha, religião é algo sagrado e que devemos tratar com respeito. Na minha época íamos todos os domingos à igreja rezar a missa, confessávamos mais de duas vezes ao mês, deveríamos sempre servir a deus. Já vocês aí não levam isso a sério como deveriam e ficam misturando coisas sendo que nem sabem o que são. – *Conclui Dulce.*
- Vó, sei muito bem de tudo o que disse. E sobre nós que não levamos isso a sério como deveríamos é porque mudamos nossos ideais, há pessoas que não se sentem mais confortáveis em ir para lá, temos que analisar também que não temos mais muito tempo para ficar indo a igreja sempre como faziam antes. – *Diz Jessica.*

- É... Infelizmente os tempos mudaram mesmo. Principalmente com essa tecnologia. Falando nisso, Aurora, você não acha que essa menina passa tempo demais no celular? – *fala a anfitriã da família apontando para Sophia.*
- Eu acho, mãe. Nós já conversamos sobre isso, mas ela não me dá ouvidos, né filha!? – *fala Aurora olhando para Sophia, que continua a mexer no aparelho eletrônico* – Daqui a pouco vou pegar o tablet, tá!? – *Direciona Aurora à Sophia.*
- Não, mãe. Deixa eu assistir um pouco mais. To quase acabando mais umas série de vídeos aqui. – *Diz Sophia.*
- Nada disso. Já lhe dei tempo demais para terminar seu filme, agora chega. Guarde esse tablet e coma – *Encerra Aurora.*
- Ahh mãe, Mas eu já acabei, não tem mais nada pra fazer. – *Diz Sophia chateada.*
- Fia, tenho uma missão pra você. A vó tava passeando por essa ilha e acabou perdendo os óculos. Precisava de alguém jovem e corajosa para me ajudar a achar o bichinho que está por aí perdido. Você aceita a missão? – *Convida fantasiosamente Dulce.*
- Vó, você falou com a pessoa certa! Sou muito corajosa e forte, olha! – *Diz Sophia mostrando orgulhosamente os músculos do braço.*
- Nossa, Muito forte mesmo, hein! – *Concorda Dulce* – Como recompensa da vitória na missão, a vó vai fazer um bolinho de cenoura e chocolate que você adora, pode ser? – *Indaga Dulce.*
- Só se for agora, vó! Tá combinado! Ao resgate dos óculos! – *Diz Sophia entusiasmada saindo da mesa à procura dos óculos.*

(Depois de fazer o acordo com Sophia e de sua saída da mesa, Aurora se direciona à sua mãe.)

- Eu a deixo assistir, pois sua rotina é bem pesada e ela é tão estimulada durante a escola que quando chega em casa a coitadinha não tem mais ânimo. Acho que os vídeos são uma forma de deixá-la descansar.
- Antigamente nós brincávamos na rua, algo mais raiz. Mas entendo que estes pequenos sejam expostos a muito mais obrigações e estímulos que nós. – *Adiciona Amélia.*

- Eu ainda acho que as brincadeiras de verdade são mais saudáveis. Essas crianças de hoje estão todas estranhas, enfiadas nesses celulares. – *Acrescenta Dulce.*
- Mas vó, outro contexto de mundo, né!? – *Afirma Jéssica.*
- Ah, eu não sei. Acho que é isso que está fazendo com que as crianças sejam mais frescurtas hoje em dia. – *Finaliza Dulce.*
- Pode ser hein mãe. Tipo o negócio da depressão. Essa “doença” está atingindo bastante esses que ficam com a mente vazia. – *Expõe Amélia.*
- Ai mãe, uma coisa não tem nada a ver com a outra – *Discorda Jéssica.*
- Eu também acho que não tem muita relação – *Diz Aurora.*
- Mas gente, claro que tem. A depressão não passa de um exagero criado nas mentes das pessoas, e, mesmo assim, muitos acham que isso tem a ver com as simples brincadeiras que fazem na escola. A mesma coisa sobre o famoso bullying que dizem por aí. Vocês de hoje em dia levam tudo muito a sério, na minha época zoávamos os nossos amigos e estava tudo bem, eram apenas brincadeiras de crianças. – *Afirma Amélia.*
- Concordo plenamente, principalmente quando tentam suicídio por essas coisas bobas. Isso é falta de deus no coração, tem que ir pra igreja – *Coloca Dulce.*
- Não mãe, não é bem assim. Cientistas afirmam que depressão é uma doença muito perigosa, por isso pode levar alguém a pensar em suicídio. E assim, onde, alguém em sã consciência, se mataria por alguma coisa boba? – *Pergunta Jessica.*
- Temos que levar em consideração também que são épocas diferentes. As coisas estão realmente mais visíveis hoje, pois mais gente fala sobre esse assunto, ou seja, os altos dados de tentativas de suicídio estão mais a mostra atualmente, mas isso não significa que na sua época também não tinha. E outra, nem sempre a religião ou a igreja em si podem mudar essa ideia e curar a pessoa dessa doença – *Acrescenta Aurora.*
- Ai gente olha, entendo esse lado, mesmo assim acho que é exagero desta geração – *Defende Amélia.*
- Tudo bem então, Amélia. Vamos respeitar sua opinião – *Diz Aurora.*
- Ah eu não acho mais nada também, mas e você Sophia, encontrou alguma coisa? – *Muda de assunto rapidamente Dulce.*

- Nada do tesouro ainda, vó. – *Afirma Sophia com uma voz triste em meio a bocejos.*

(nesse momento Sophia se aproxima da mesa de jantar e fica ao lado de sua mãe cabisbaixa.)

- Tudo bem fia, tenho certeza que daqui a pouco você acha – *Encoraja Dulce.*

(Após essa fala, Sophia tenta sussurrar algo no ouvido de Aurora, esta que não compreende e faz com que Sophia aumente o tom de voz demasiadamente.)

- VAMO EMBORA, POR FAVOR, MÃE. ESTOU COM SONO. – *Diz Sophia.*
- Agora sim eu ouvi, filha. Vamos sim, o dia foi cansativo pra você né!? Passeio da escolinha, mas essa longa caça ao tesouro não é fácil. – *Conclui Aurora sobre a situação de Sophia* – Bom, como vocês puderam ouvir kkkkk, Sophia está cansada e é melhor irmos descansar um pouco... Vou ajudar a tirar a mesa pra irmos, okay? – *Direciona Aurora às outras personagens.*
- Não precisa não, pode ir. A gente ajeita aqui, tia. – *Diz Jéssica.*
- Isso. Dá pra arrumar rapidinho. Vão descansar, dá pra ver que a semana foi longa pra vocês. – *Completa Amélia.*
- Bom, já que é assim, vou indo então. Amanhã o dia promete. – *Finaliza Aurora.*

(Aurora se levanta da mesa, arruma as coisas e convida Sophia para acompanhá-la. As duas se despedem das outras três familiares e vão em direção à porta).

(A peça acaba com Sophia, próxima a porta, dizendo.)

- Esse encontro de gerações rendeu!

(Todas riem da criança, achando o acontecimento fofo, e concordam com a mesma. Aurora e Sophia saem pela porta acenando.)

FIM

ANEXO III - Organização para o podcast Arena conta Zumbi

Aluno	Personagem	Nº das Falas
Alisson	Favelado 2;	2.1 – 44 – 45 9 – 12 – 16 – 21
Ana Carolina	Favelado 3;	2.2 – 46 – 45 – 51 – 75 06 – 18 – 23 – 57
Ellen	Carolina;	2.3 – 03 – 27 – 29 – 32 – 35 – 36 – 51 – 75 68
Erick	Indefinido	2.4 – 45 – 51 – 75 05 – 08 – 17 – 54
Gabriel Tognete	Policial 1 e 3	2.5 – 41 – 47 – 49 – 75 67 -
Giovanna	Favelado 1	2.6 – 43 – 45 – 51 – 75 22 – 63
Julia Campioto	Mãe da Carolina;	2.7 – 04 – 26 – 28 – 30 – 31 – 33 – 34 – 37 – 39 – 45 66 -
Larissa Dal Poz	Policial 2 e 4	2.8 – 42 – 48 – 49 – 75 14 – 59 – 69
Lucas Castro	Cantador;	2.9 – 40 – 45 – 49 – 51 13 – 24 – 58
Lucas Oliveira	Narrador 1;	1 – 2 – 2.14 – 2.18 – 25 – 50 – 53 – 71 – 73
Mickaely	Indefinido	2.11 – 45 – 51 – 75 07 – 55 – 62 – 65
Miguel Luz	Narrador 2;	2.12 – 52 – 70 – 72 – 74 – 49 10 – 15 – 60
Sofia	Indefinido	2.13 – 45 – 51 – 75 11 – 19 – 56 -
Suellen	Cria de Carolina	2.10 – 38 – 45 – 51 20 – 61 – 64
Maria Luiza	Indefinido	2.15
Isabelle	Indefinido	2.16
Amanda	Indefinido	2.17

OBS. I: A linha de cima são falas do personagem e as de baixo falas “aleatórias”. Para os “indefinidos”, a primeira linha são falas gerais (ditas por várias pessoas) e a segunda falas “únicas”. Os números em vermelho, indicam falas compartilhadas.

OBS. II: esperar exatamente 5 segundos para começar a fala e, posteriormente, nomear os áudios com o número da fala e os dois primeiros nomes. EX: “2.11 – MICKAELY” ou “45 – SOFIA”.

OBS. III: o envio deve ser feito pela pasta do OneDrive no grupo de arte do Outlook.

Esquemática da ordem de fala

1	Lucas Oliveira	26	Campioto	51	A verificar
2	Lucas O. + todos	27	Ellen	52	Miguel
3	Ellen	28	Campioto	53	Lucas Oliveira
4	Campioto	29	Ellen	54	Erick
5	Erick	30	Campioto	55	Mickaely
6	Ana Carolina	31	Campioto	56	Sofia
7	Mickaely	32	Ellen	57	Ana Carolina
8	Erick	33	Campioto	58	Lucas Castro
9	Alisson	34	Campioto	59	Dal Poz
10	Miguel	35	Ellen	60	Miguel
11	Sofia	36	Ellen	61	Suellen
12	Alisson	37	Campioto	62	Mickaely
13	Lucas Castro	38	Suellen	63	Giovanna
14	Dal Poz	39	Campioto	64	Suellen
15	Miguel	40	Lucas Castro	65	Mickaely
16	Alisson	41	Gabriel Tognete	66	Campioto
17	Erick	42	Dal Poz	67	Gabriel Tognete
18	Ana Carolina	43	Giovanna	68	Ellen
19	Sofia	44	Alisson	69	Dal Poz
20	Suellen	45	A verificar	70	Miguel
21	Alisson	46	Ana Carolina	71	Lucas Oliveira
22	Giovanna	47	Gabriel Tognete	72	Miguel
23	Ana Carolina	48	Dal Poz	73	Lucas Oliveira
24	Lucas Castro	49	A verificar	74	Miguel
25	Lucas Oliveira	50	Lucas Oliveira	75	A verificar

ANEXO IV - Roteiro adaptado para o podcast Arena conta Zumbi

Contexto da peça para os locutores e o professor: Nosso enredo conta a história de uma família preta periférica. Tudo se inicia quando Carolina, uma jovem, conta a sua mãe que está grávida. Esse choque, ocasionado pela pouca idade da moça, deve ser bastante impactante.

Posteriormente, haverá a apresentação do assunto do podcast e de sua inspiração (peça do Arena Conta Zumbi) através de um trecho de rimas. Com isso, a história terá sua continuidade com situações cotidianas, nas quais a mãe de Carolina adota uma posição de autoridade sobre a filha, sempre aconselhando-a e ela, sempre acatando e dialogando com a senhora.

O fechamento se dá quando, em uma dessas passagens do cotidiano, acontece uma intervenção policial. Esse fato nos leva à morte prematura da criança e ao sofrimento de sua mãe e avó.

ROTEIRO:

INTRODUÇÃO (apresentação dos alunos)

1; NARRADOR: Olá, ouvinte. Muito bacana de sua parte ter apertado o play! Seja bem vindo ao nosso Podcast.

* VINHETA *

2; NARRADOR: Ao longo da narração da história que te contaremos, você ouvirá diversas vozes, todas pertencentes aos alunos do 1º ano A do SESI de Carapicuíba. Mais especificamente, os narradores que darão vida - ou vozes – aos personagens são:

Cada integrante fala seu próprio nome

2.1 - Alisson Ferro

2.6 - Giovanna Freitas

2.11 - Mickaely Freitas

2.2 - Ana Carolina

2.7 - Júlia Gonçalves

2.12 - Miguel Moreira

2.3 - Ellen Fontes

2.8 - Larissa Dal Poz

2.13 - Sofia Ribeiro

2.4 - Erick Nathan

2.9 - Lucas Castro

2.5 - Gabriel Tognete

2.10 - Suellen Cristina

2.14 - NARRADOR: Além disso, as responsáveis pela escrita do texto que ouvirão, foram:

2.15 - Maria Luiza Ribeiro

2.16 - Isabelle Menegon

2.17 - Amanda Laia

2.18 NARRADOR: - E, por fim, esta voz misteriosa que vos fala pertence a mim Lucas Oliveira. Agora que já nos apresentamos, acomode-se, pois vamos começar...

APRESENTAÇÃO DA PEÇA E INÍCIO DO ENREDO

Carolina conta a sua mãe sobre a sua gravidez

Sussurros de perdão, com bastante desespero e choro por parte de Carolina como fundo sonoro da fala da Mãe de Carolina

3; CAROLINA: Desculpa, mãe, me desculpa por favor... Me deixa ficá... Me desculpa...

* Fala dita com um tom muito alto e com muita irritação*

4; MÃE DE CAROLINA: CAROLINA! Você tem juízo não, merecia uma surra. Sai! SAÍ DA MINHA FRENTE ANTES QUE TE QUEBRE.

Cada aluno com uma fala:

5; E assim começa a fita

6; Que vamo agora contá

7; Assim como o arena

8; de um jeito simples encanta

9; essa nossa inspiração

10; a história de zumbi contou

11; e toda a narração

12; dentro de nossa cabeça ecoou

13; História de gente negra

14; da luta pela razão,

15; que se parece ao presente

16; pela verdade em questão,

17; pois se trata de uma luta

18; muito linda na verdade:

19; é luta que vence os tempos,

20; luta pela liberdade!

21; Zumbi lutou por nós

22; Marielle fez sua parte

23; Nois narramo essa história

24; Transformando tudo em arte

25; NARRADOR: É com isso na mente que vamos continuar a contar as fita da Carolina, do seu menó e sua veia.

*** MÚSICA 1 ***

“Negro é lindo”, Jorge Ben

[...] Eu só quero que deus me ajude

A ver meu filho nascer e crescer

E ser um campeão

Sem prejudicar ninguém

Porque meu bom, negro é lindo

Negro também é mais um filho de deus [...]

* A mãe de Carolina mantém o tom de ordem. Carolina ouve atenta e responde calma *

26; MÃE DE CAROLINA: - Carolina, já faz um mês que essa criança nasceu e nada do nariz afiná. Quero só ver depois o sofrimento que vai se

27; CAROLINA: - Mãe, deixa o nariz do jeito que tá, não adianta não. Nasceu assim, deixa ser assim.

*** SILÊNCIO ***

28; MÃE DE CAROLINA: - Carolina, vai vaciná essa cria Carolina. Já tem um ano e nada de tomá vacina. Pegá uma doença nesse chão sujo daqui eu quero vê cuidá. Cuida ainda ta bom, quero vê enterrá essa criança como vai ser

29; CAROLINA: - Que horror. Eu vou levá, mãe. Fui ontem tava fechado, depois do almoço nois vai rapidinho lá. Se não tiver, vai ficar nas mão deus, tenho tempo pra ficar perdendo

não. Ontem já rodei o calçadão atrás do emprego e não achei vaga nenhuma, mol treta. Nem o currículo queriam pegá.

30; MÃE DE CAROLINA: - Etâ, dá trela pra isso não fia. Deixa que eu levo ele

*** SILÊNCIO ***

31; MÃE DE CAROLINA: - Carolina, é hoje a apresentação da creche? Lava logo esse menino, cês vão atrasá.

32; CAROLINA: - É hoje, vou já. Cê sabe onde tá o gel? Disseram que o cabelo tava muito pra cima, atrapalhando os colegas. Vou abaixá.

33; MÃE DE CAROLINA: - Gel tá ali em cima. Vai passá tanto assim pra que?

*** SILÊNCIO ***

*** SONS DE TIRO E GRITOS DE DESESPERO***

Em tom de desespero

34; MÃE DE CAROLINA: - ABAIXA CAROLINA. PEGA A CRIA PEGA A CRIA

35; CAROLINA: - DEITA MÃE. VAI PRO CHÃO.

*** SILÊNCIO CURTO ***

Todos ainda estão escondidos, jogados no chão, e sussurram uns para os outros com voz trêmula e amedrontada:

36; CAROLINA: - Já acabou? Cês tão bem?

37; MÃE DE CAROLINA: - Graças a deus tamo viva fia. Atiraro aqui foi?

38; CRIA DE CAROLINA - Tô só com medo mãe. Eles vão voltá pra pegá a gente?

39; MÃE DE CAROLINA: - Acho que pegou pra lá. Deu nada não.

Cada aluno com uma estrofe:

A BONDADE POLICIAL

40; CANTADOR:

Fala dita com uma certa ironia...

é tanta gente boa nesse morro
que o branco (pausa abrupta) - perdão
...que o governo começou a se comover
e no entra e sai
até mesmo amigo dos favela quis ser
E o polícia
contava na cidade
ter por aquele povo
uma grande amizade.

41; POLICIAL 1:

* Fala dita com um tom de superioridade, exibição *

Nós, os da ordem
sabemos ter muita amizade
por aqueles que trabalha
pelas margens da cidade.
Queremos paz, prosperidade,
chega de raiva e de maldade,
o respeito nós teremos
e, assim, ninguém abordaremos

42; POLICIAL 2:

Fala dita com um tom de superioridade, exibição

Nós, os bons
nos guiamos pela bíblia,
o livro santo diz ser pecado
matar o trabalhador.
Não deixaremos ser massacrado
o povo heroico e sofredor.

43; FAVELADO 1

* Fala dita com um tom de revolta, lamentação *

aqui falta segurança
a educação é sonho de nós tudo
o favela que precisa
nem se quer encontra o estudo

44; FAVELADO 2

Fala dita com um tom de revolta, lamentação

*Desse jeito não dá bom

se não vamo atrás

ninguém nos dá a mão

O que fizemo pro senhores

Além de nascer com

essa cor?

E de viver a servir

diante de toda dor?

45; VÁRIOS FAVELADOS:

* Fala dita com um tom de revolta, firmeza *

Mas chega! *Distorcer falas e variar expressões.*

46 FAVELADO 3

* Fala dita com um tom de firmeza e coragem*

vamo junto pra rua

resistir igual zambi

ô seus branco se segura

que a falcatrua vai caí

47; POLICIAL 3:

Nós os bons sujeitos,

nos guiamos pela bíblia

o livro santo prevê este caso

no Evangelho de Ezequiel:

– Com a rebeldia não há concórdia.

Punir com firmeza é uma forma

de demonstrar misericórdia.

48; POLICIAL 4:

Nós os brancos, os bons sujeitos

Resolvemos em santa união

dar fim ao povo ao povo rebelde

exterminar a subversão.

49; VÁRIOS POLICIAIS:

Fala dita com um tom firmeza, quase como uma “torcida”

O mal destruiremos. No morro subiremos (3 X)

Sincronizado e diminuindo o volume

50; NARRADOR: A rotina nossa é essa. Tiro, gritaria e nada da sonhada alforria. Nos corre de hoje ficaram bem, AMÉM!

Esse amém ficaria de fundo, como uma resposta ao outro

51; FAVELADOS: AMÉM!

52; NARRADOR 2: Mais uma vez, deram sorte: a parede furou, mas no corpo não pegou... Oraram. Oraram pelos seus que se foram.

53; NARRADOR: Noutro dia, a parede de novo perfurada. Mas, dessa vez, a sorte não estava presente. Os que oravam, pararam. Olhavam quase inanimados para o chão. Olhavam uma cria sem vida.

*** MÚSICA 2 ***

“Delação Premiada”, Mc Carol

Troca de plantão, a bala come à vera
Sete da manhã, muito tiro de meiota
Mataram uma criança indo pra escola...

com exceção da ênfase, às falas devem ser lida rápidas, com tom de dúvida e certo desespero

54; INDEFINIDO: - QUEM FOI?

55; INDEFINIDO: - João?!

56; INDEFINIDO: - Pedro?!

57; INDEFINIDO: - O JORGE?

58; INDEFINIDO: - Marielle

59; INDEFINIDO: - Foi o AMARILDO?

60; INDEFINIDO: - FOI * ênfase *

61; INDEFINIDO: - Foi tu!

62; INDEFINIDO: - Foi ela!

63; INDEFINIDO: - É... foi a cria da favela.

*** PAUSA DRAMÁTICA ***

Os narradores devem adotar um tom de voz bastante característico, tristes, abatidos

64; INDEFINIDO: - Um sentimento que não desejo para o meu pior inimigo...

65; INDEFINIDO: - ... perder um filho é como arrancar algo de dentro....

66; INDEFINIDO: - ...não tem explicação você perder uma criança que você amou, cuidou, fez planos para o futuro ...

67; INDEFINIDO: - ...uma coisa de minutos, de horas, esse sonho foi por água abaixo...

68; INDEFINIDO: - ...tiraram o meu sonho, o sonho do meu filho, da minha família...

69; INDEFINIDO: - ...acabaram com a minha família, destruíram a minha família cruelmente.

*** CORO / MÚSICA ***

O açoite bateu	bateu tantas vezes
o açoite bateu	que a gente cansou.
Bateu tantas vezes	Tanto cansou, entendeu
que açoite matou (2x)	Que lutar afinal
Eu quero só viver assim.	É um modo de crer
Vontade de existir	É um modo de ter
Ter modo de saber	Razão de ser.
o que a gente não tem	CORO – O açoite bateu
pra ser gente também.	o açoite ensinou
O açoite bateu	bateu tantas vezes
o açoite bateu	que a gente cansou

*** PAUSA CURTA ***

70; NARRADOR 2: Anota! Anota aí no pé dessa extensa lista mais esse caso. A vida da cria acabou. A bala que transpassou sua cabeça, submeteu sua história ao passado. Seu futuro!? Ah, como o de muitos outros, se tornou o futuro do pretérito. Era uma linda possibilidade de uma linda vida tão friamente interrompida.

71; NARRADOR 1: Seja no tempo de Zambi, seja no tempo de João Pedro: o chicote, a bala e a injustiça têm alvo certo. Essa história é para ficarmos espertos. Olha aí pá fora, olha pro noticiário, não caia no conto do vigário. O Brasil é país racista e a luta é real.

* como uma prece ou apelo *

72; NARRADOR 2: Que essa narrativa se torne passado!

73; NARRADOR 1: Que pretos e pretas possam viver!

74; NARRADOR 2: Que suas vidas realmente importem!

75: Em coro: AMÉM!

FIM